

O fio e os rastros da moda: comércio e sociabilidade em São Paulo no começo do século XX¹

The threads and traces of fashion: commerce and sociability in São Paulo at the beginning of the 20th century

PHILIPPE ARTHUR DOS REIS²

Universidade Estadual de Campinas / Campinas, SP, Brasil

RESUMO: Entre a passagem do século XIX para o XX a cidade de São Paulo passou por uma série de transformações materiais e nas formas de seus habitantes se relacionarem com o espaço urbano: a instalação de novos equipamentos urbanos; a intensificação da chegada de imigrantes; mudanças no sistema burocrático e administrativo municipal; a introdução de novos gostos e hábitos de consumo; a construção de inúmeras fábricas e de edificações comuns, dentre outros fatores, permitiram a expansão da cidade para além do seu núcleo inicial, conhecido como Triângulo ou Colina Histórica. Os setores médios participaram desse rol de transformações, notadamente na construção de edificações voltadas principalmente para moradia, aproveitando-se das oportunidades que o mercado rentista oferecia. Muitos desses edifícios foram projetados para cumprir uma função mista, congregando moradia e comércio, tipologia usual na porção leste da cidade, em especial no Brás. O bairro, conhecido por seu parque fabril, apresentou uma série de espaços comerciais que se dedicaram ao ramo de vestuário e estética pessoal, com lojas de roupas, alfaiates e profissionais ligados ao âmbito da joalheria. Neste artigo procuramos entender o papel dos proprietários desses espaços na configuração material do Brás e dos bairros próximos. Para tanto, recorre-se aos Sistemas de Informações Geográficas, espacializando diferentes fontes documentais.

PALAVRAS-CHAVE: História urbana. São Paulo. Brás. Moda. Classes médias. Sistema de Informações Geográficas Histórico.

1. Este artigo é dedicado a uma “costureira de mão cheia”, minha avó, Etelvina Faustina de Almeida.

2. Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), mestre em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e doutorando em História na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor e membro do coletivo *Passeando pelas Ruas*. O autor agradece à leitura do amigo Josafá Crisóstomo, e ao amigo Carlos Moura pelo apoio na confecção dos mapas. *E-mail:* <philippe.arthur@hotmail.com>

ABSTRACT: The turn of the 20th century witnessed profound transformations in the city of São Paulo and new forms of its inhabitants will be related to urban space. The waves of immigrants who disembarked there, the installation of an urban infrastructure, a rationalization of the municipal bureaucracy, the introduction of new tastes and habits of consumption, the construction of innumerable factories, and a host of other factors culminated in the material production of a city expanding from its original core, known as the *Triângulo* or Historic Hill. The middle classes took part in this series of transformations, most notably through their involvement in the construction of residential buildings, taking advantage of the opportunities afforded by the rentier financial market. Many of these buildings would eventually be remodeled to combine residential and business functions – a process typical in the eastern part of the city, especially in the neighborhood of Brás. The neighborhood, known for its industrial park, was home to a number of commercial establishments dedicated to clothing and personal care, including stores, tailors, and professionals associated with the jewelry business. This article examines the role of the proprietors these spaces in the material configuration of Brás and nearby neighborhoods through the use of Geographic Information System (GIS), utilizing a variety of documentary sources to spatialize them.

KEYWORDS: Urban history. São Paulo. Brás. Fashion. Middle classes. Historical Geographic Information System.

INTRODUÇÃO

A próxima conquista da moda feminina – o triunfo do calção-saia. Crê ella, que o triunfo desse traje, será certo, embora este haja encontrado alguma resistência por parte das senhorinhas e senhoras que pouco se preocupam com as imposições dos costureiros francezes [...].

Diversas senhoras e senhorinhas, já se têm apresentado em publico, com o novo traje, não só em Pariz mas tambem em outros paizes, sendo ultimamente no Brasil; em toda a parte, porém, têm sido mal recebidas, excepção feita a S. Paulo, onde até foram victoriadas algumas portadoras das taes calças.³

Os trechos do artigo aqui tomados como epígrafe são parte de uma conturbada discussão no mundo da moda envolvendo o uso da saia-calça, também conhecida como *jupe-culotte* ou *jupe-pantallon* por mulheres da sociedade paulistana dos primeiros anos de 1910. Tal contenda foi protagonizada por uma mulher chamada Alice d'Oliveira, que escreveu um bilhete azul à direção do jornal *A Concórdia* por não se conformar com o silêncio do periódico sobre o assunto, desejando que a redação opinasse "sobre as calças femininas". A resposta veio publicada no mesmo artigo, cujo redator demonstrava surpresa da missiva recebida, lamentando por não ter "a honra de conhecer a senhorinha". O autor da resposta, Santelmo Romariz, argumenta à leitora que a preocupação dos costureiros parisienses é

proporcionar ao bello sexo, não o mais aconselhável modo de se vestir, de accordo com a commodidade e a moral, mas tendo em vista unicamente o fabuloso lucro que as ininterruptas modificações no vestuário feminino, lhes permittem auferir. E conseguem geralmente seu fim, dada a sabida instabilidade do espirito feminino.

Esse argumento demonstra o posicionamento de homem que expressava valores e modos de comportamento de uma sociedade em processo de urbanização e, ao mesmo tempo, manifestava seu descontentamento diante das mudanças protagonizadas pelo gosto feminino, o qual ganhava projeção.

Mesmo considerando que o calção-saia não tinha nada de elegante, Santelmo Romariz não via razão para vaiar as mulheres que optavam por seu uso, como vinha acontecendo ao longo do conturbado ano de 1911. O colunista interpretava isso como "um acto de descortesia flagrante, para com o sexo frágil, apupa-lo⁴ porque ele pretende trajar-se de um modo que lhe proporciona toda a

3. *A Concórdia* (1911, p. 1).

4. Ato de desrespeito, conhecido na contemporaneidade como ato de perseguição com vaias, assobios; zombar, escarnecer.

commodidade que não encontra nas saias travadas”. Esse argumento ia de encontro ao não posicionamento do jornal *A Concórdia*, que não fez questão de trazer à memória do público leitor os embates na capital paulista sobre o uso da saia-calça. Publicada em 2 de abril de 1911, a resposta do jornal ao bilhete azul de Alice d’Oliveira parece desconhecer que no mês anterior uma grande comoção se fez na cidade, contra e a favor da peça que caía no gosto do público feminino. Hermínia Gonçalves, esposa de José Leonardo Gonçalves, secretário do famoso teatro Polytheama, protagonizou um desses episódios, caminhando com sua *jupe-culotte* no Hipódromo da Mooca ao som de muitas palmas, caso que foi registrado e estampado num dos jornais de maior circulação em São Paulo (Figura 1).

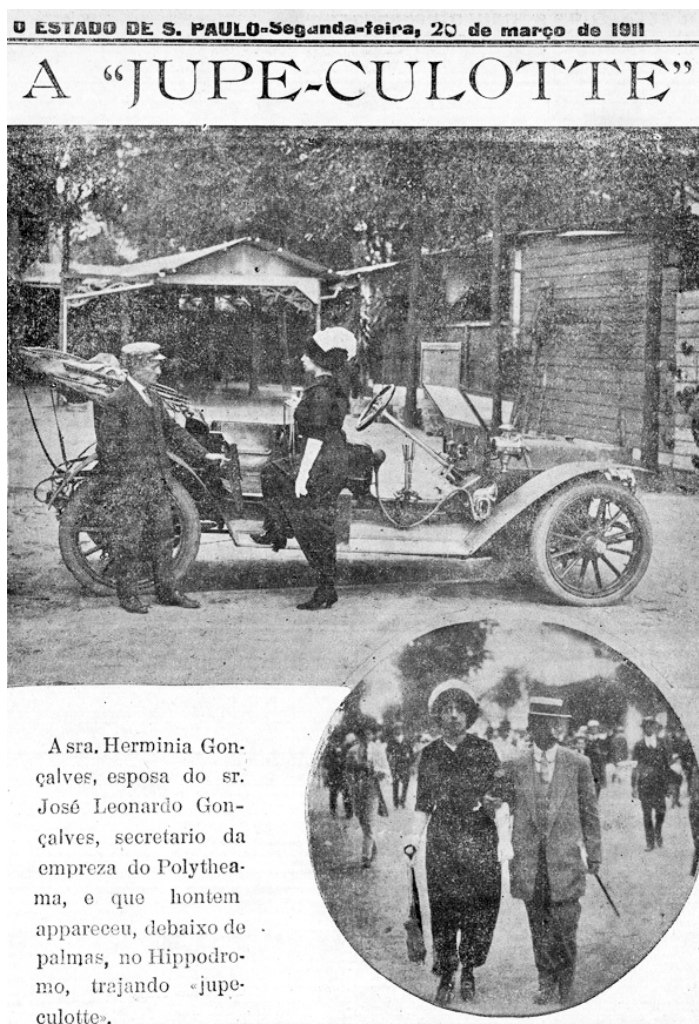


Figura 1 – Uso da *jupe-culotte* por Hermínia Gonçalves, quando, junto de seu esposo, José Leonardo Gonçalves, visitavam o Hipódromo, na Mooca, espaço de lazer e sociabilidade da porção leste da cidade de São Paulo. Fonte: *O Estado de S. Paulo* (1917, p. 3).

Romariz sabia da contestação que ocorria em São Paulo, e certamente tinha contato com a discussão que ganhava ares internacionais, atingindo Buenos Aires (onde há registro de mulheres agredidas por usarem a saia-calça),⁵ Paris, onde surgiu o traje, e cidades brasileiras como Porto Alegre e Rio de Janeiro. Barbuy pontua que a peça era “associada não só a emancipação feminina, mas aos novos tempos de prática de exercícios físicos recomendada para homens e mulheres, de esporte e ação como atitudes modernas”.⁶ A escolha do jornalista de enquadrar a São Paulo republicana como espaço sem conflito e possivelmente aberto para as mulheres manifestarem o gosto pela nova indumentária alinhava-se a um ideal de abertura da cidade às mudanças dos hábitos de consumo, que passavam a ficar cada vez mais evidentes na população, nos novos edifícios e padrões urbanísticos e, por que não, nas roupas que ganhavam as ruas paulistanas. Os casos de Alice d’Oliveira e Hermínia Gonçalves são consonantes à ideologia e ao modo de vida que os setores médios paulatinamente assumem ao longo das primeiras décadas do século XX, manifestando seus desejos individuais e consumindo novos produtos que circulavam amplamente, como as *jupes-culottes* usadas pelas mulheres em São Paulo, além de uma infinidade de produtos franceses, ingleses, alemães e de diversas outras nacionalidades.

As mudanças de comportamento no consumo paulistano se relacionavam diretamente com as transformações urbanas observadas desde o final do século XIX, as quais foram alvo de intensos debates entre diferentes sujeitos ligados ao planejamento da cidade e ao mercado imobiliário.⁷ Entre 1906 e 1915 a construção de imóveis cresceu em São Paulo como nunca antes visto, principalmente em bairros que circundavam a região central, fenômeno intimamente ligado à população que ali se estabelecia e ao conseqüente aumento do consumo de bens e serviços oferecidos nas diferentes regiões paulistanas.⁸ No processo de urbanização da cidade, parte desses bens e serviços tiveram importante papel, sobretudo aqueles que eram de propriedade dos setores médios e populares – raramente explorados para compreender a produção material de São Paulo no começo do século XX.

SÃO PAULO: CIDADE DE DIFERENTES SUJEITOS, AÇÕES E TEMPORALIDADES

A partir da segunda metade do século XIX, São Paulo passou a ser alvo de observação de diferentes sujeitos, que registraram sob variadas perspectivas a materialidade ali construída e os diversos aspectos sociais que caminhavam junto

5. Cf. *O Estado de S. Paulo* (1911).

6. Barbuy (2006, p. 204).

7. Cf. D’Elboux (2015); Segawa (2000).

8. Lody (2015).

9. A região formada pela convergência das ruas Direita, XV de Novembro e São Bento.

10. Saes (1975).

11. Carone (2001).

12. Em 1872 a cidade contava com 31.385 habitantes, e em 1890, com 64.934. Dez anos depois há um incremento de mais de 14%, alcançando a marca de 239.820 habitantes. Esse crescimento continuaria constante, e em 1920 São Paulo teria 579.033 residentes, número que seria duplicado vinte anos depois, com uma população de 1.326.261 habitantes. Cf. Prefeitura de São Paulo (2010).

13. Oliveira (2005).

com o intenso processo de urbanização. Fotógrafos, jornalistas, cronistas, arquitetos, engenheiros, políticos, sindicalistas, advogados e muitos outros auxiliaram na formação da ideia comum de uma cidade que crescia para além dos limites do que se convencionou chamar de *Centro*, ou *Triângulo Histórico*.⁹ Tal discurso que se enraizava também serviu de guia para demarcar a história da cidade como um processo de transformação contínuo e linear, por meio de nomes que a identificaram temporalmente como *burgo de estudantes*, *metrópole do café*, *cidade dos jesuítas* ou *cidade bandeirante*, auxiliando a forjar uma memória histórica em torno de determinados sujeitos em detrimento de outros.

Partícipes desse processo, os setores médios foram alvo de investigações no decorrer do século XX, tornando-se objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Saes¹⁰ forneceu algumas indicações sobre o perfil político, econômico e social desse grupo no cenário brasileiro da passagem do século XIX para o XX, destacando sua heterogeneidade. Trata-se de sujeitos situados entre aqueles que possuíam altos índices rentistas e a classe operária, mas não necessariamente compunham um grupo unificado como os demais. De acordo com Carone,¹¹ muitos dos sujeitos que formaram os setores médios das cidades brasileiras na Primeira República provinham das diversas mudanças sofridas pela economia interiorana desde o final da primeira metade do século XIX, grupos que aos poucos perderam seus rendimentos e viam na capital um espaço para angariar novos fundos de investimento, dada a vasta população que ali se instalou.¹²

Atento à explosão industrial do estado, essencialmente na capital, Carone destaca o papel dos imigrantes no processo de formação da cidade, observando que muitos atuaram em diversos ramos de produção e venda de artigos de primeira necessidade, como alimentação e vestuário dos setores médios. Esses homens e mulheres também foram parte significativa do mercado imobiliário rentista então vigente em São Paulo, financiando a construção de casas para aluguel.

Oliveira¹³ evidenciou como os setores médios e intermediários paulistanos foram ativos em tecer relações sociais por meio de lojas, casas e armazéns, estabelecendo contato com os setores mais remediados e precarizados da sociedade paulistana da segunda metade do século XIX. Além disso, estavam atentos aos fundamentos e aplicações da legislação urbanística em discussão, que recairiam sobre suas construções. Muitos dos sujeitos que compunham os setores médios e intermediários atuaram no centro da cidade de São Paulo e, de forma parecida, em bairros adjacentes como o Brás. Foi ali que muitos constituíram relações sociais, a partir da exploração do mercado imobiliário rentista e do oferecimento de crédito em armazéns, criando vínculos de confiança, além do

contato com aqueles que podiam tecer relações diretas com o poder municipal para a execução de *melhoramentos* no bairro.¹⁴

Inicialmente encarado como uma forma de diversificação das fontes de renda, aos poucos o mercado imobiliário rentista se tornou um investimento dos mais diversos grupos sociais, de grandes proprietários a operários, de construtores sem diplomação a engenheiros e arquitetos, de nacionais a imigrantes, que atuaram não só no Brás, mas em boa parte do perímetro urbano paulistano. Participaram do processo até mesmo “famílias pobres que exploravam essas brechas no mercado que se adaptava à crescente demanda”,¹⁵ respaldado pelo aumento populacional sentido na cidade. À medida que São Paulo expandia seu número de habitantes, novos espaços se tornavam alvo da especulação imobiliária, o que ia de encontro ao aumento da procura por moradia. A carência de ofertas estimulou os proprietários das chácaras que circundavam as porções centrais da cidade a loteá-las, o que incentivou a construção de edificações voltadas para atender a demanda dessa população, principalmente nos bairros que passavam a contar com relativa infraestrutura, como linhas férreas, linhas de bonde, água encanada, esgoto e energia elétrica (Figuras 2 e 3).

14. Sobre os sentidos do conceito de “melhoramentos”, cf. Bresciani (2001).

15. Oliveira (2005, p. 57).

Figura 2 – Largo do Brás, diante da Avenida Rangel Pestana parcialmente arborizada, com trilhos de bonde e servida por energia elétrica (como se pode observar pelos fios nos postes), mas à noite iluminada por combustores de gás. À direita a Igreja Matriz de Bom Jesus do Brás, sem as torres; ao fundo, comércios com toldos, aparentemente como os da região central. Fotografia: Aurélio Bacherini, 1914. Fonte: Museu da Cidade de São Paulo.





Figura 3 – Continuação da Avenida Rangel Pestana vista a partir do Largo do Brás. Note-se a série de toldos que se espalhava pela via, demarcando o comércio varejista, além do bonde, um dos símbolos de modernização da época. Fotografia: Aurélio Becherini, 1914. Fonte: Museu da Cidade de São Paulo.

As construções nas Figuras 2 e 3 demarcam não apenas o crescimento material da cidade, mas, quando cotejadas com outras fontes, também permitem identificar seus proprietários e usos. Como parte do registro da capital paulista que se construía no começo do século XX, a série Obras Particulares, do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, permite identificar alguns desses sujeitos e compreendê-los como agentes do processo de urbanização da cidade. A coleção descreve, principalmente pela descrição das obras que esses indivíduos desejavam realizar em seus terrenos, bem como as redes de contato que eles estabeleciam com a municipalidade por meio de requerimentos costumeiramente escritos à mão, quase sempre acompanhados de uma planta para representar os desejos de construção ou reforma do requerente (que podia ser o proprietário ou um construtor,

ou eventualmente um terceiro).¹⁶ Além das intenções do mundo privado, destaca-se que junto dos requerimentos encontramos as respostas dos representantes da municipalidade, como fiscais, engenheiros e arquitetos que trabalhavam na busca de um ordenamento da cidade, sendo amparados por um conjunto de leis que regulavam a construção, como o Código de Posturas, de 1886, e o Código Sanitário Estadual, de 1894.¹⁷

A série Obras Particulares permite então conhecer a materialidade dos imóveis, suas tipologias e programas edilícios, por contemplar alguns dos seus usos nos respectivos endereços. Quando analisada junto com outras séries documentais, possibilita reconstituir o perfil de certas ruas e a tessitura (planimetria e volumetria) dos bairros da cidade. Ao analisar o conjunto com maior atenção, é possível identificar os proprietários e construtores desses imóveis, bem como os agentes públicos que estiveram atentos às diretrizes legais em cada pedido de construção feito à Prefeitura Municipal desde o final do século XIX, além de seus respectivos pareceres e dos embates que travavam entre si e com o mundo privado. Logo, pode-se compreender as partes da materialidade, as relações sociais e tensões entre os diferentes moradores da São Paulo do começo do século XX.

A documentação indica que muito do que foi edificado na cidade entre 1906 e 1915¹⁸ cumpria essencialmente funções residenciais, sobretudo nos bairros que se formavam nas bordas do centro, como Vila Mariana, Lapa, Mooca, Brás e Belenzinho. Podemos observar também uma série de fábricas, comércios, cocheiras, escolas e outros pedidos que evidenciam os sujeitos que investiam nessas e em outras construções de São Paulo. Agentes da urbanização das cidades modernas, os setores médios ganham relevância como financiadores da construção de São Paulo desde a segunda metade do século XIX, pois se tornam o principal grupo a explorar as brechas do mercado rentista em diversas ações comerciais. Assim, muito do que foi construído na cidade sob a chancela oficial até o ano de 1915 esteve intimamente ligado a esse grupo, que financiou a construção de casas em série, vilas operárias, cortiços, casas com padrão mínimo (também conhecidas como “casas de operários”, conforme apontam os títulos das Figuras 4 e 5).¹⁹ Nesse cenário, muitas vezes moradia e comércio se conjugavam no mesmo lote, aproveitando o cômodo da frente da residência para explorar o potencial do varejo, como aponta o “Projecto para construcção de 2 casas operarias nos fundos do terreno sito à rua Barão de Ladário nº 150” (Figura 4), cujo proprietário, Pedro Gomes da Silva, buscou deixar um espaço livre de 160 m² na frente do terreno. Já o “Projecto de uma casa para Trabalhadores”, de Micheli Lavieri, na rua Azevedo Júnior entre os números 9 e 11, aproveitou ao máximo o lote ao determinar que a

16. Todo particular interessado em construir na cidade, a partir de 1893 era obrigado (de acordo com a lei nº 38, de 24 de maio daquele ano) a apresentar à então Diretoria de Obras e Viação um memorial descritivo daquilo que desejava executar, junto com uma planta que representasse visualmente as obras pretendidas. A partir desses documentos os técnicos da municipalidade analisavam se as intervenções respeitariam os padrões higiênico-sanitários (cf. Figuras 4, 5, 9, 21 e 22). A série Obras Particulares faz parte do Fundo Prefeitura Municipal de São Paulo, sob guarda do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Constituída por 429 volumes encadernados, que compreendem o período de 1893 a 1905, e mais de novecentas caixas organizadas em ordem cronológica (1906-1921) e alfabética pela denominação do logradouro, o conjunto documental foi parcialmente digitalizado e informatizado. Atualmente estão disponíveis on-line as plantas de obras particulares de 1906 até 1915, além da documentação referente ao Fundo Particular Ramos de Azevedo, Severo & Villares. Por meio do banco de dados interno – Sistema de Registro, Controle e Acesso ao Acervo (Sirca) e do portal: <www.projetosirca.com.br> – os pesquisadores conseguem informações como nome do interessado pela obra, construtor, endereço, data do requerimento e a notação que possibilita identificar no acervo arquivístico as caixas em que esses registros estão depositados. Sobre o assunto, cf. Reis (2018).

17. São Paulo (1886, 1894).

18. Ver nota 16.

19. O título não significava que as obras se destinavam apenas a esse grupo profissional, mas era usado para solicitar redução (e até isenção) de impostos à prefeitura, que desde 1908 incentivava os proprietários a construir “casas para operários”, visando sanar o déficit habitacional da cidade.

diminuta casa ocupasse o terreno e atendesse aos preceitos higiênicos em voga, como incidência de luz solar (Figura 5).

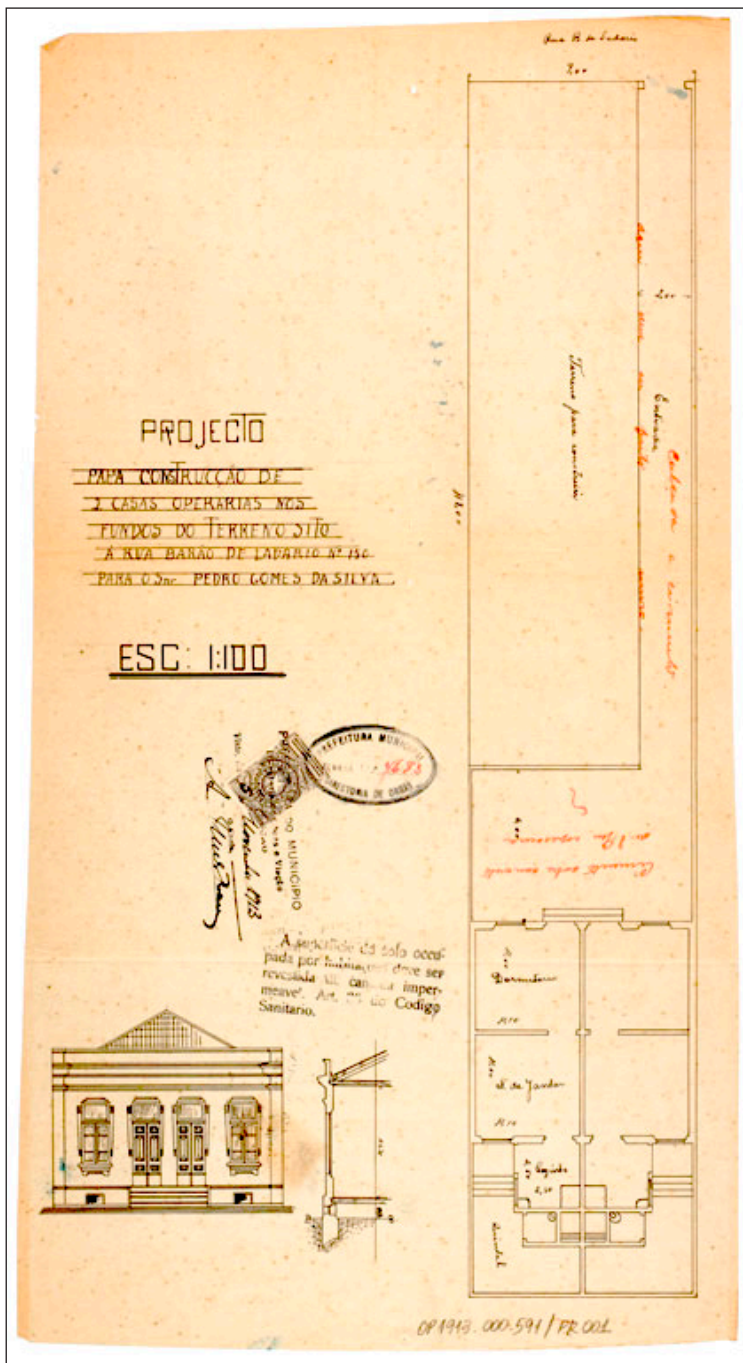


Figura 4 – Projecto para construção de 2 casas operarias nos fundos do terreno sito á rua Barão de Ladário nº 150 para o Sr. Pedro Gomes da Silva”. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

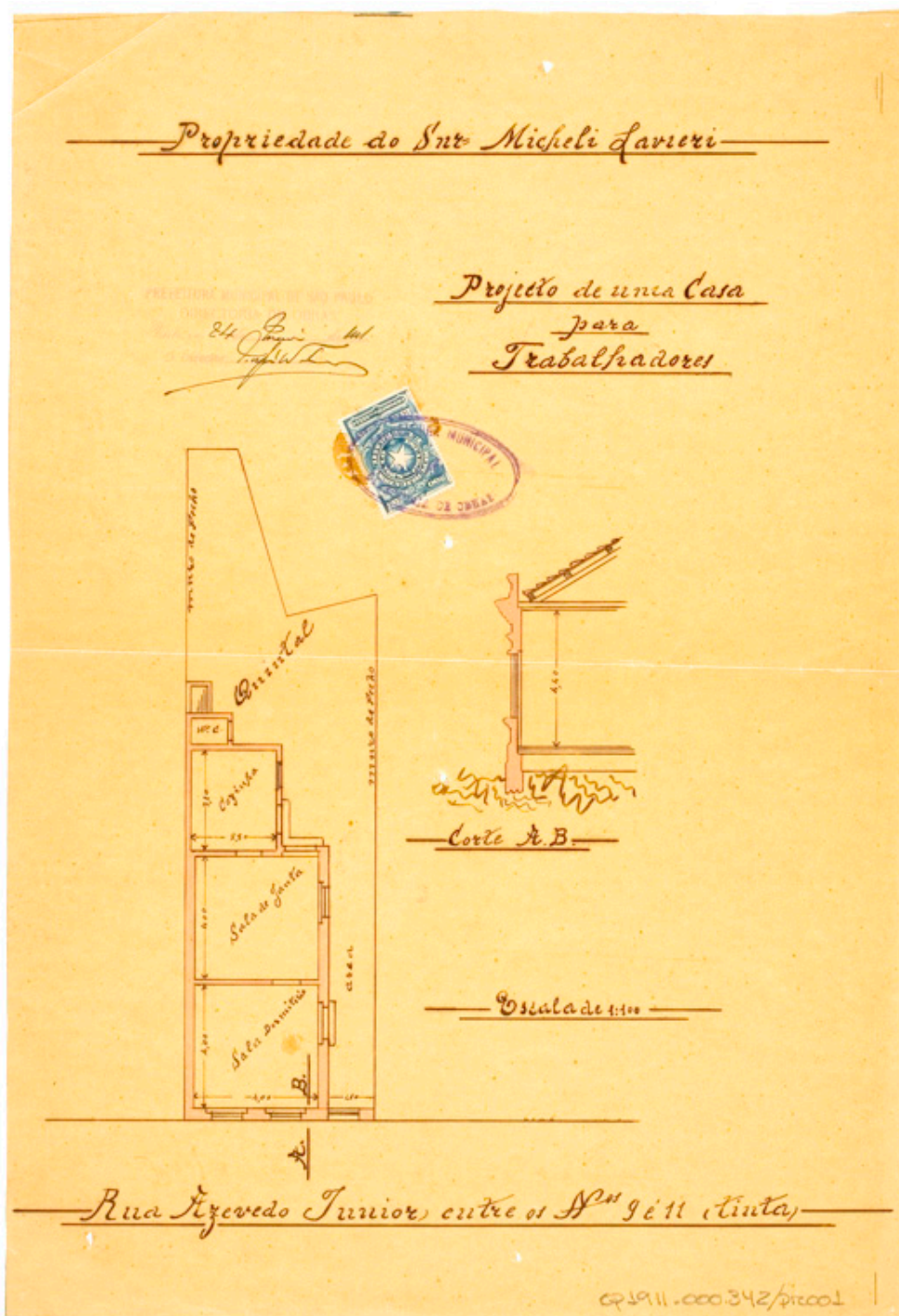


Figura 5 – Projecto de uma casa para Trabalhadores, rua Azevedo Junior, entre os números 9 e 11. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

20. Cf. Borin (2014); Carvalho (2016); Gennari (2005); Schneck (2010).

21. Barbuy (2006, p. 172).

A reconstituição da materialidade do Brás entre 1906 e 1915 pode ser lida como um processo com ritmos, compassos e descompassos, visível ao analisarmos um minucioso conjunto de fontes, para além da série Obras Particulares, em busca dos possíveis usos dos imóveis edificados, como armazéns, lojas, botequins, armarinhos e outros comércios – os quais, em grande parte, não foram esboçados naqueles pedidos de reforma ou construção. Essa multiplicidade de usos das construções não se circunscreveu ao bairro do Brás, mas foi uma dinâmica que se espalhou por toda a cidade, como atestam as pesquisas de Borin sobre a Barra Funda; de Carvalho sobre a Vila Mariana; de Gennari sobre o Brás e a Mooca; e de Schneck sobre o bairro do Bixiga.²⁰

Assim, enriquecemos o debate a respeito da materialidade do Brás cruzando os pedidos de construção e reforma com os almanaques comerciais, cujas páginas trazem as lojas, os envolvidos nas atividades mercantis, endereços de repartições públicas, nomes de profissionais que atuavam em escritórios particulares e mesmo aqueles que prestavam serviços cotidianamente, como profissionais liberais. Os almanaques proporcionam ao pesquisador uma informação riquíssima: endereço completo de cada item publicado, às vezes com telefones, telégrafos e caixas postais, viabilizando análises profundas sobre as regiões que podem ser estudadas. Tais materiais, quando aliados às fontes cartográficas, oferecem melhor compreensão da atuação dos sujeitos no processo de produção espacial da cidade. A análise das fontes numa perspectiva de conjunto permite não apenas reconstituir a materialidade, mas também entrever as intenções dos agentes produtores em estabelecer seus empreendimentos comerciais em determinados espaços em detrimento de outros.

O FIO E OS RASTROS DA MODA: O BRÁS E A PRODUÇÃO DE TECIDOS E ROUPAS PARA SÃO PAULO

Acompanhando a construção de edifícios e o estabelecimento de novos habitantes na cidade, novos gostos se faziam, e outras demandas se apresentavam. Desde finais do século XIX a produção de artigos ligados à indústria têxtil teve significativo crescimento, auxiliado pela adoção de maquinários que aumentavam a produção e possibilitavam atender o crescente mercado interno de serviços, como hospitais, ambientes militares e fabris, mas principalmente o público em geral, que podia contar com uma maior variedade desses produtos. Se “nada se igualou, no Triângulo, à quantidade de oficinas e lojas voltadas para o ramo do vestuário”,²¹

no Brás não fora diferente. O bairro contou com uma imensa rede de armarinhos e lojas de fazendas, fábricas e lojas de calçados, chapelarias, alfaiatarias, fábricas e lojas de bordados, rendas, meias, tecidos de lã, tecidos de aniagem, tinturaria, colchoaria. Assim, o Brás atendia o operariado e os setores médios da região e até mesmo de outras porções da cidade, formando um polo de venda dos mais variados artigos de tecido e vestuário de São Paulo no começo do século XX.

Sobre a produção de tecidos na capital paulista, muito se observou a partir dos grandes complexos industriais formados nas bordas da cidade, deixando de lado os pequenos e médios comerciantes e produtores do artefato. A indústria têxtil avançou sobremaneira em São Paulo, formando uma das principais forças de empregabilidade do operariado local, ao mesmo tempo que atendia o consumo da população que ali se estabelecia. Segundo Carone, grande parte desse tecido era voltado para uso doméstico ou para o vestuário de um público com poucos recursos, pois a maioria das fábricas produzia “tecidos crus e tintos, chitas, morins e brins, tecidos riscados, zefirs, cassinetas, colchas, atoalhados, xales, etc.”.²² Para o historiador, essa indústria não atendia a totalidade da população paulistana, pois “os tecidos para vestimentas da classe média e alta” não eram fabricados no Brasil; assim, o estado de São Paulo importava grande volume desses produtos a fim de suprir suas demandas,²³ visto que os imigrantes, além de trabalharem e consumirem nas cidades,

possuíam, em geral, necessidades mais sofisticadas do que os nativos, alargando assim o mercado interno. Em suma, os imigrantes transplantavam novas atitudes, técnicas e atividades; têm maior ambição; seu consumo incluía artigos industriais em maior quantidade e qualidade; era outra sua atitude diante do trabalho; eram, em conjunto, melhor qualificados profissionalmente, sua mentalidade de poupança era mais desenvolvida; características essas mais condizentes com o crescimento econômico capitalista.²⁴

A leitura de Carone pode ser contestada, pois além de induzir um juízo de valor sobre a presença do imigrante na cidade, não percebe que a produção e o consumo de novas roupas era um fator comum às cidades do final do século XIX, justamente por conta das ondas migratórias que ocorriam no contexto capitalista. Barbuy investigou o consumo de roupas e artigos de luxo na região central de São Paulo, espaço que, para a autora, polarizou um destacado número de lojas e locais voltados à venda desses produtos na cidade, especificamente para as camadas altas. Trata-se de alfaiates e costureiras que vendiam e confeccionavam, a partir de seus tecidos elegantes, chapéus e vestidos conforme uma suposta moda europeia, a qual dominava o cenário paulistano, essencialmente sob inspiração de lojas francesas como *À la Belle Jardinière*, *Au*

22. Carone (2001, p. 97).

23. Carone (2001, p. 99).

24. Carone (2001, p. 105).

Bon Marche, Au Paradis des Enfants, dentre muitas outras que se consagrariam como espaços do requinte e da moda.

No caso do Brás, o comércio de luxo não foi intenso, mas abundavam em suas ruas as lojas de vestuário comum, formando uma clientela oriunda de diferentes áreas da cidade. Tais clientes procuravam roupas para o dia a dia e para trabalhos cotidianos, que pudessem suprir as necessidades do corpo e ao mesmo momento satisfazer aspectos sociais da moda. Um desses aspectos é representado pela sátira ao velho rifão (Figura 6), usando calças, terno, chapéu, sapatos e barba, imagem que remete à típica figura do homem burguês.²⁵



Figura 6 – Caricatura de um “velho rifão”, vestido segundo a moda masculina do começo do século XX. Fonte: *A Concórdia* (1906, p. 2).

Uma das capas do jornal do bairro (Figura 7) fornece algumas pistas de como a população do Brás e região se vestia nos primeiros anos de 1900. Apesar da aparente harmonia entre homens e mulheres na imagem – todos de mãos dadas, indicando união e uma identidade do bairro sede do jornal – o periódico se intitulava um “orgam defensor das classes proletárias”. O que nos chama a atenção na encenação das personagens é que o movimento só é possível em função das roupas, sobrepostas aos corpos que parecem caminhar e dançar: enquanto os vestidos se movimentam conforme as mulheres dão um passo à frente, e as saias e camisas frisam partes de seus corpos, as justas roupas dos homens, formadas por calças, camisas e paletós, e eventualmente chapéus, sugerem a ideia de balanço e comando. Analisando as roupas e os gestos dos

sujeitos na imagem, realmente poderíamos dizer que representam “proletários”, ou a proposta do periódico era construir e firmar uma imagem para o bairro ligada ao mundo do trabalho? Podemos ir além, questionando se esses sujeitos da capa do jornal *A Concórdia* não seriam representações dos setores médios, que utilizavam de conceitos referentes ao mundo do trabalho a fim de serem identificados como defensores do proletariado.



Figura 7 – Jornal *A Concórdia* (1906, p. 1). Fonte: Acervo Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O entrecruzamento dos anúncios de comércios no Brás, presentes no *Almanak Laemmert* (edições de 1901 a 1915) e nos jornais do bairro, com os projetos de construção e reforma das *Obras Particulares*, ou com vistas da série *Polícia e Higiene*,²⁶ permitiu-nos elaborar um banco de dados que foi organizado segundo os endereços mencionados em cada fonte, rua a rua, com numeração ordenada de modo crescente. Nosso objetivo de mapear a produção de comércios ligados ao mundo da moda e o vestuário no Brás e em regiões próximas pôde ser atingido por meio de uma metodologia de espacialização cartográfica, contando com apoio de um *software* livre de Sistemas de Informações Geográficas (SIG), o gvSIG. Uma das principais funções do gvSIG consiste em auxiliar pesquisadores a armazenar, gerenciar, manipular, processar, exibir e publicar diferentes dados, localizando espacialmente aquilo que o pesquisador deseja. Para Rabelatto e Freitas, o uso de ferramentas como o SIG fornece ao historiador novas possibilidades de pesquisa, uma nova forma de análise da história,

ao possibilitar apresentar dados de maneiras diferentes (por exemplo, com diferentes simbologias, sistemas de classificação, vários detalhes ou projeções) potencializa-se a interpreta-

26. A série *Polícia e Higiene* é composta por registros que denunciam irregularidades, autorizações e manifestações da sociedade à Prefeitura Municipal. Infelizmente, por não se encontrar organizada em sua totalidade (abarca apenas os anos de 1906 até partes de 1908), não pudemos avançar na pesquisa.

27. Rabelatto; Freitas (2011, p. 8).

28. Quem atribui a data é Barbuy (2006, p. 208).

29. Bueno (2016).

ção, validação e exploração da maneira como a mensagem transmitida no mapa é afetada e, assim, problematiza-se o objeto do estudo.²⁷

Contamos com o apoio de três bases cartográficas para a realização deste trabalho: a *Planta Geral da Capital de São Paulo*, organizada pelo então intendente municipal Pedro Augusto Gomes Cardim em 1897; a *Planta industrial e commercial da cidade de São Paulo*, editada por Thomas & Cia em 1911;²⁸ e a *Planta da cidade de São Paulo levantada pela Divisão Cadastral*, de 1916. As três plantas apresentam valiosas informações que, quando sobrepostas e analisadas em conjunto, permitem aferir questões que eventualmente não puderam ser encontradas pela única observação das já citadas fontes escritas e iconográficas. Logo, a confecção de mapas, além de auxiliar na localização dos pequenos e médios espaços dedicados à produção de artigos de vestuário e ornamentação pessoal, trouxe para o debate questões que até então pareciam exógenas, como redes de transporte e espaços de interesse social em São Paulo.

O conjunto cartográfico nos permite entrever ruas e espaços de diferentes interesses nas quase duas décadas estudadas, sejam eles equipamentos públicos ou particulares. Essas localizações tinham íntima relação com a instalação de comércios na cidade, como lojas de roupas, armarinhos e barbearias que atendiam aos moradores, operários e diversos outros sujeitos daquela região.

A metodologia aqui adotada tem referência nos trabalhos de Beatriz Bueno, que buscou identificar nas ações de determinados sujeitos da São Paulo do século XIX à primeira metade do XX as transformações materiais que a cidade enfrentou, essencialmente no processo de demolição e construção de edificações. Com apoio do SIG, Bueno reconstituiu espacialmente a localização e as modificações materiais de imóveis da região central de São Paulo, descortinando relações com o mercado imobiliário, o que permitiu identificar proprietários, locatários, valores fiscais, usos, datas, construtores e outros pontos que serviram de subsídio para compreender a história urbana e, sobretudo, para debater o lugar comum de substituição da arquitetura colonial pela eclética.²⁹

Convém destacar que as plantas cartográficas apresentaram algumas balizas para a compreensão do processo de urbanização do Brás. Um primeiro ponto constatado é o arruamento, tentativa de representação fiel das ruas que existiam entre 1897 e 1916, como aquelas situadas na Vila Gomes Cardim, na região do Tatuapé, evidenciadas na primeira planta. Organizada pelo então intendente municipal, Gomes Cardim, essa planta estava associada às intenções de projetar na cidade áreas com possibilidade de rentabilização imobiliária, pois muitas nem sequer haviam sido loteadas. Kusvaney destaca que “a planta em

questão consiste em um conjunto de intenções – públicas e privadas – com relação ao futuro da cidade, que crescia vertiginosamente em termos populacionais, ao mesmo tempo que transformações sociais e econômicas ocorriam”.³⁰

Outro aspecto identificado foi a imprecisão geográfica de alguns pontos nas plantas, como vias terrestres e cursos fluviais. Apesar de haver sincronia entre os mapas na localização dos equipamentos urbanos, a mesma precisão não se deu na elaboração desses registros, resultando numa distorção espacial. O fato de não possuírem a mesma escala não nos impediu de cotejá-los com o *Mapa Digital da Cidade*, reunindo suas informações. O caso se aplica principalmente à *Planta industrial e commercial da cidade de São Paulo*, de 1911 – um registro pictórico, não um desenho preciso do tamanho das ruas e seus lotes, tendo como únicos espaços de representação da cidade o centro e o Brás. No entanto, sem essa planta os resultados aqui apresentados não existiriam, visto que nela consta a numeração de cada lote diante da rua.

Atrelada à identificação espacial das ruas e edifícios, e posteriormente de seus usos, a busca da localização exata desses elementos nas plantas tornou-se um dos principais pontos a considerar, pois, dada a proliferação intensa de edificações na cidade, constantemente os números eram alterados. O que nos auxiliou na delimitação espacial de imóveis, serviços e lojas ligadas ao mundo da moda da porção leste da cidade foi o cotejamento das diferentes fontes reunidas: endereço nos anúncios de almanaques comerciais e jornais; endereço dos pedidos de reforma e construção das obras particulares; informações extras, como pontos de referência do imóvel (esquina de uma rua, igreja, fábrica, antes ou depois de determinado número etc.); além do croqui de localização da obra, informando iconograficamente onde seria realizada a reforma ou construção. Por fim, a análise dos livros de emplacamento, também guardados no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, nos permitiu aferir a mudança dos endereços da Avenida Rangel Pestana até nossa data limite.³¹ Buscamos reconstituir espacialmente a localização exata desses edifícios, não em favor de uma suposta “verdade espacial”, mas em nome do compromisso com a história dos sujeitos envolvidos na urbanização e, assim, com a história da cidade.

O uso de SIG, com a visualização das informações coletadas, permitiu uma série de constatações e estimulou novas perguntas a partir da espacialização das casas comerciais ligadas ao mundo da moda, em paralelo com a urbanização da porção leste da cidade de São Paulo desde o final do século XIX até o ano de 1915. Nosso objetivo não foi abarcar a totalidade desse tipo comercial na época, mas evidenciar o dinamismo presente em outra área da cidade que não a central, e assim compreender o papel do comércio de roupas, artigos e serviços ligados

30. Kuvasney (2016, p. 175). Outro fator que coloca em xeque a existência daquelas vias é a ausência de pedidos de reforma e construção delas até cerca de 1906 – a menos que tenham existido projetos irregulares e não remetidos para aprovação da Diretoria de Obras e Viação.

31. Entre 1886 e 1887 houve a primeira mudança na numeração dos edifícios da cidade, por meio de um sistema que permaneceu até a década de 1930 (Barbuy, 2006, p. 254-256).

32. Ginzburg (2006).

33. Sobre os conceitos de “programa” e “partido”, cf. Corona; Lemos (1972).

34. Reis (2017).

35. Torres (1969), apesar de resgatar aspectos que identificaram historicamente o Brás, como a presença das indústrias e o papel do imigrante, não tocou em um tópico que também passou a ser sinônimo do bairro: as inúmeras greves de operários que manifestavam seus descontentamentos quanto às precárias condições de trabalho, aos baixos salários e até mesmo em relação a fatores que extrapolavam o universo fabril, como melhorias urbanas. Assim, ao ser interpretado genericamente como um espaço industrial e operário, a narrativa comumente atribuída ao Brás converge com o objetivo de entender a cidade de São Paulo separada por áreas de produção e de morada das suas diferentes classes sociais, neste caso um espaço habitado por pobres e com ênfase na produção industrial, ante outros bairros supostamente formados pela burguesia e sem o incômodo das fábricas e do comércio popular.

36. Em linha semelhante, Marins (2011) propõe uma nova leitura dos bairros de Higienópolis e Campos Elíseos, pois, surgidos a partir da ação de Frederico Glette e Victor Nothmann no final do século XIX, convencionou-se demarcá-los como “bairros de elite”, associados às transformações urbanísticas que ocorriam na cidade incorporadas pelo elemento estrangeiro. Com base em textos memorialísticos, o historiador percebe como tal discurso foi incorporado na produção historio-

ao vestuário, como joalheiros e barbeiros, na formação da materialidade de São Paulo. Essa perspectiva não se encaixa no lugar comum de compreender o Brás como um bairro unicamente operário e fabril.

Numa analogia com o trabalho do historiador italiano Carlo Ginzburg,³² nossa proposta é identificar “o fio e os rastros” no processo de formação do Brás e dos bairros próximos, uma área que se destacou ao longo do tempo pelo comércio de roupas, principalmente para as camadas médias e pobres da cidade. O bairro, identificado por memorialistas e cronistas como um espaço industrial e continuamente associado a operários e imigrantes, foi por nós esmiuçado de modo a identificar o que ali se produziu materialmente entre o final do século XIX e o ano de 1915, evidenciando uma série de tipologias edilícias e sujeitos que não aqueles reiterados pela historiografia. Por exemplo, constatamos que o grande conjunto arquitetônico do bairro foi o de residências, com variados programas de necessidades e partidos arquitetônicos,³³ e que a maioria dos proprietários se aproveitava da carestia habitacional para construir novas casas, bem como para fazer de um dos cômodos (quase sempre a supressão de um quarto ou sala de frente para a rua) um comércio, transformando o imóvel em um edifício misto.³⁴

Ao longo do século XX a porção leste de São Paulo ficou conhecida como espaço fabril que produzia gêneros de primeira necessidade para o município e mesmo para outras regiões do estado e do país. Tal compreensão foi forjada por monografias e crônicas que, apesar de destacarem um interessante rol de documentos, recaem em ideias generalizantes e vangloriam a ação do empresariado, como o trabalho de Torres,³⁵ discípula de Ernani Silva Bruno. Fábricas de fundição, alimentos, materiais para construção e de móveis compunham grande parte da paisagem urbana dessa porção da cidade, mas não foram as únicas edificadas, visto o elevado número de pequenos e médios empreendimentos executados até 1915 (data base da disponibilização on-line da série Obras Particulares). Propomos uma compreensão da pluralidade material da cidade, notadamente dos diversos sujeitos envolvidos na sua produção.³⁶

Dois autores do começo do século XX voltaram seus olhares para os espaços industriais de São Paulo, sobretudo para o Brás e sua produção têxtil. Um deles, o geógrafo Alfredo Moreira Pinto, autor de *A cidade de São Paulo em 1900*, faz um balanço de sua visita à capital paulista naquele ano, destacando diversos aspectos históricos e geográficos dessa viagem, como um mapeamento de igrejas, repartições públicas, instituições dedicadas à educação e profissionalização, jornais, grupos e associações com pretensão “científica” e “literária”, mercados,

espaços de lazer, hotéis, cemitérios, logradouros, subdivisões do município e, principalmente, suas fábricas. Ainda na introdução, o autor demarca o “mal-estar” causado pelas transformações observadas na cidade, visão alimentada por lembranças de quando era estudante da Faculdade de Direito, pois “o Braz, a Mooca e o Pary eram então insignificantes povoados com algumas casas de sapê, que a medo erguiam-se no meio de espessos mattagaes”.³⁷ O autor complementa:

era então S. Paulo uma cidade puramente paulista, hoje é uma cidade italiana! Naquelles tempos usavas calças de brim, paletós sacco e chapeo de palha; hoje envergas casaca, usas colarinho a Luiz XIV, gravata de setim branco, botinas de verniz e tens à cabeça um vistoso *caster* ou debaixo do braço o aristocrático *claque*.³⁸

Pela leitura do trecho nota-se que o autor enxerga as mudanças materiais da cidade por meio dos novos gostos de vestuário, decorrentes da chegada em massa do elemento imigrante, no caso de italianos, encarados até então com um olhar positivo, como consumidores e operários da capital. Ao citar a Fábrica de Tecidos do Braz, de Antônio Álvares Penteado, entre a rua Rodrigues dos Santos e em frente às ruas Florida e Cruz Branca,³⁹ Pinto destaca o fato de ela ser a primeira de grande porte na capital paulista, instalada ainda no final do século XIX, com um complexo industrial formado por duas fábricas, uma destinada à produção de tecidos de lã e outra, à produção de aniagens para confecção de sacos para exportação de café. O complexo contava com seiscentos operários, que produziam diariamente cerca de 60 mil metros de tecido, em mais de 2 mil teares, e 80 mil parafusos. Essa produção era exportada para outras regiões do país, como os estados do Sul e o Rio de Janeiro.⁴⁰

Interessante é notar que essa descrição minuciosa do empreendimento fundado em 1889 não se circunscrevia ao destaque de sua exata localização e do seu número de operários; a intenção do autor era trazer à tona o interior das fábricas, dentre elas, uma que produzia aniagem e media cerca de 20 mil m², alimentada por cem máquinas auxiliares com dois vapores do sistema compound, que propiciavam economia de vapor, água e combustível. Além das máquinas, quatro caldeiras forneciam energia para a fábrica, alimentadas a carvão mineral e água, esta vinda da região da Mooca “por meio de tubos, que atravessam diversas ruas do Braz, a um outro grande reservatório situado a quatro quilômetros da fábrica, em terrenos do mesmo proprietário, com capacidade de 50.000.000 de litros”.⁴¹ Essa energia era manipulada pelo trabalho de mais de mil operários, a maioria italianos, dos quais 90% eram mulheres. Dois anos depois da publicação, esses operários fizeram uma intensa greve na antevéspera de Natal, registrada pelo jornal *Correio Paulistano* em 24 de dezembro de 1902.⁴²

gráfica, gerando “uma dimensão imaginária relativa à cidade, formada por diferentes circuitos de representações coletivas somadas” (p. 210).

37. Pinto (1900, p. 8). Sobre as ambiguidades e o “mal-estar” dos cronistas que passaram a retratar as mudanças da cidade de São Paulo no começo do século XX, cf. Bresciani (1999).

38. Pinto (1900, p. 9).

39. Atual rua Coronel Francisco Amaro.

40. Bresciani (1999, p. 98 e 207).

41. Pinto (1900, p. 208).

42. Beiguelman (2005, p. 183).

43. Bandeira Júnior (1901, p. 3).

44. Bandeira Júnior (1901, p. 3).

45. Bandeira Júnior (1901, p. 6).

O outro autor do começo do século XX a abordar o cenário industrial de São Paulo foi Antônio Francisco Bandeira Júnior, que também observou a Fábrica de Tecidos do Braz. No livro *A indústria no Estado de São Paulo*, de 1901, Bandeira Júnior listou um total de 145 empreendimentos fabris na cidade, com variações nas datas de fundação, no número de máquinas e na quantidade de funcionários, apontando a nacionalidade destes, caso fossem estrangeiros, além dos números da produção anual. O autor afirma que a Fábrica de Tecidos do Braz teve um papel essencial no bairro. O autor antevia:

dentro de poucos anos, será o primeiro bairro comercial, por isso que reúne todas as condições necessárias a uma *Village* desse gênero. Bem cedo o compreendeu o perspicaz Snr. Penteado, escolhendo-o para edificar os soberbos edifícios onde funcionam as fabricas e mais outro em que habitam muitos dos seus numerosos operários.⁴³

Segundo Bandeira Júnior, a fábrica de aniagem ocupava uma área de 12 mil m², e suas "oficinas e todas as dependências são vastas, claras, arejadas e limpas, observando-se logo à primeira vista, que a construção obdeceu á todas as regras da arte e da hygiene, indispensáveis ás obras dessa natureza". A descrição do autor demonstra a preocupação em assegurar que a produção de tecidos ali realizada estava em sintonia com a legislação em vigor na cidade de São Paulo desde finais do século XIX, particularmente com o Código Sanitário de 1894. A fábrica de aniagem empregava oitocentos operários, que produziam os tecidos com rapidez: "a primeira officina é destinada ao preparo dos fios, que passam aos carreteis, destes para os medideiros, destes para as machinas de engomar, indo finalmente para os teares, em número superior a seiscentos".⁴⁴ Já a fábrica destinada aos tecidos de lã, fundada em 1898, se situava num edifício de 10 mil m², também servido pelos motores do sistema compound e "gosando das mesmas vantagens de locomoção"; empregava cerca de 150 operários de ambos os sexos.⁴⁵

Com um sistema de produção distribuído em sete etapas, a fábrica seguia alguns padrões de divisão do trabalho. Na primeira seção os empregados trabalhavam em máquinas de urdir e engomar tecidos, passar os rolos, fazer estulos e carreteis. Na segunda, diversas máquinas de lavagem preparavam os tecidos para a etapa seguinte, dedicada à tinturaria, com maquinismos e tanques. A quarta seção se destinava ao processo de secagem, e a quinta às máquinas de tesourar (tirar o grande volume de pelos que permanecia no tecido, trabalho realizado com auxílio de tesouras cilíndricas), o que facilitava a próxima fase, responsável por alisar os tecidos nas calandras. Na última etapa do sistema de produção, com a máquina chamada decatril, o tecido era imerso num banho de

vapor que tirava todo o “lustre desnecessário”, para que então pudesse ser “medido, pesado, dobrado, enrolado e enfardado afinal, recebendo logo a marca e o número correspondente”.⁴⁶

Bandeira Júnior destacou uma terceira fábrica de tecidos, localizada na divisa do Brás com o Belenzinho: a Fábrica a Vapor de Tecidos São Paulo. Fundada em janeiro de 1897, por Alexandre Ranzini,⁴⁷ produzia “artigos de primeira qualidade”: anualmente, eram 15 mil metros de casimira, 3 mil metros de xales e 2 mil metros de palas com o trabalho de 32 funcionários, entre nacionais (um homem, seis mulheres e uma criança) e estrangeiros (doze homens, dez mulheres e dois menores).⁴⁸ O espaço não contou com a mesma atenção dos anteriormente tratados na obra de Bandeira Júnior – o que se evidencia nos elogios às primeiras empresas e a seus respectivos proprietários –, talvez não apenas pelo tamanho, mas pela possível descendência estrangeira do empresário, que aos poucos enriquecia e não podia ser igualado aos nacionais.

No levantamento dos pedidos de reforma e construção da série Obras Particulares aparecem muitos outros empreendimentos fabris do Brás dedicados à produção de tecidos e gêneros de vestuário que não foram descritos nas obras de Moreira Pinto e Bandeira Júnior. Dos grandes complexos industriais encontrados podemos destacar as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), a Companhia Nacional de Tecidos de Juta (CNTJ), a Companhia Paulista de Aniagem (antiga Fábrica Santana, incorporada à CNTJ), o Cotonifício Rodolfo Crespi, a Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados, a Companhia de Calçados Clark, e a Tecelagem de Seda Ítalo-Brasileira (posteriormente incorporada ao grupo Matarazzo).

As IRFM tiveram papel de destaque na produção artigos de primeira necessidade na capital paulista, pois, além de tecidos, dedicavam-se ao ramo alimentício, em espaços como o Moinho Matarazzo, na rua Monsenhor Andrade, e a fábrica de goma de arroz, na Avenida Celso Garcia. Com um núcleo fabril que buscou racionalizar sua produção, é de destacar que as IRFM utilizavam carvão como força motriz para o maquinário ali instalado, assim como a Fábrica de Tecidos do Braz e a Fábrica a Vapor de Alexandre Ranzini.

Já a Alpargatas, fundada pelo escocês Robert Fraser, que chega ao Brasil no ano de 1907, formava na rua Concorórdia⁴⁹ um complexo industrial que se espalhava diante da ferrovia, com espaços dedicados à montagem de calçados, estoque e posterior distribuição para venda na cidade e no país. A fábrica passou por intensas transformações ao longo do tempo, conforme registrado nos pedidos de reforma e construção da série Obras Particulares.⁵⁰ A Figura 8 evidencia esse

46. Bandeira Júnior (1901, p. 6).

47. Seria ele parente de Felisberto Ranzini, arquiteto do Escritório Técnico de Ramos de Azevedo? Relacionado ao nome de Alexandre Ranzini no *Almanak Laemmert* de 1901 consta um espaço dedicado à venda de “fazendas, modas, armarinhos e ateliers de costuras” na rua da Quitanda, nº 16.

48. Bandeira Júnior (1901, p. 76).

49. Atual Rua Doutor Almeida Lima.

50. A título de exemplo, podemos destacar os seguintes processos: S.P. Alpargatas Co., *Proposed extension of factory*, 1915, OP1915.001.178; *São Paulo Alpargatas Company*, 1911; OP1911.001.047; Julio Micheli, *Projecto de novo pavilhão para uso de tinturaria*, 1908, OP1908.000.665; e Julio Micheli, *Projecto de pavilhão para depósito na Fábrica Brasileira de Alpargatas*, 1909, OP1909.000.740.

processo, caracterizado pelo aumento do espaço produtivo e pela otimização da distribuição, construindo-se uma nova fachada de frente à estrada de ferro. Contando com uma loja na Avenida Rangel Pestana, a Alpargatas destacava em seus anúncios que a sede não estava no Brás, mas no disputado centro da cidade, com escritório na rua da Quitanda 8A (Figura 9).



Figura 8 – Planta de construção da nova fábrica da São Paulo Alpargatas Co., na rua da Concórdia, em 1915. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

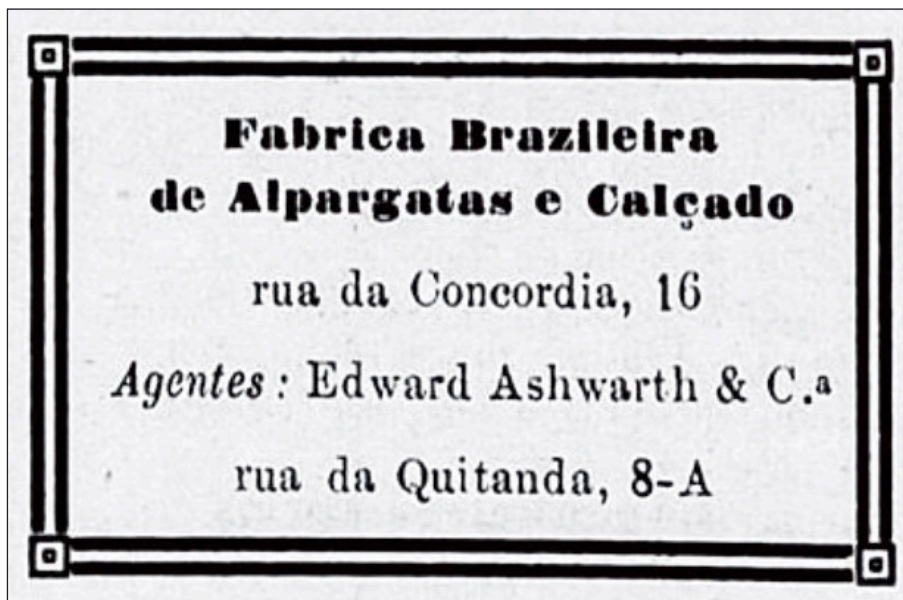


Figura 9 – Anúncio da Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados. Fonte: *Almanak Laemert*, edição de 1909.

51. Os vetores utilizados para a confecção desses mapas foram obtidos no site do Grupo Hímaco da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), disponível em: <www2.unifesp.br/himaco>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Pudemos identificar diversos outros espaços dedicados à produção e venda de artigos do mundo da moda nos pedidos de construção de particulares, nas inspeções da Diretoria de Polícia e Higiene, e sobretudo nos anúncios dos almanaques comerciais. Procuramos então espacializar cada empreendimento fabril do bairro, dos grandes aos pequenos, junto com os equipamentos sociais demarcados na cartografia e as linhas ferroviárias e de bondes, a fim de compreender a distribuição do que era produzido. Sobre os bondes, apesar de os vetores utilizados se referirem às linhas que circulavam na região no ano de 1933, tivemos a atenção de analisar se os mesmos traçados corresponderiam à nossa época de estudo, o que se confirmou a partir da análise da *Planta geral da cidade de São Paulo com indicações diversas*, de 1914.⁵¹

A Figura 10 sintetiza visualmente a localização desses estabelecimentos produtivos em consonância com os equipamentos de interesse público. Uma primeira observação permite deduzir que as maiores fábricas estavam situadas nos grandes eixos viários, muito próximas às linhas férreas e de bonde, facilitando a distribuição dos produtos para dentro e fora da cidade de São Paulo. Entre os trilhos da linha São Paulo Railway (letra I, que identifica a estação Brás), a Fábrica de Tecidos do Brás, as duas unidades da Fábrica Brasileira de Alpargatas, a Companhia Cooperativa das Fábricas de Chapéus, a Companhia de Calçados Clark e o Cotonifício Crespi se destacam diante dos demais empreendimentos

fabris, principalmente os dois últimos, que contavam com um ramal instalado em suas proximidades, além de se situarem em vias servidas por bondes. As demais fábricas ligadas à produção de roupas e tecidos ficavam em ruas atendidas por bondes ou estavam muito perto da rede de transportes.

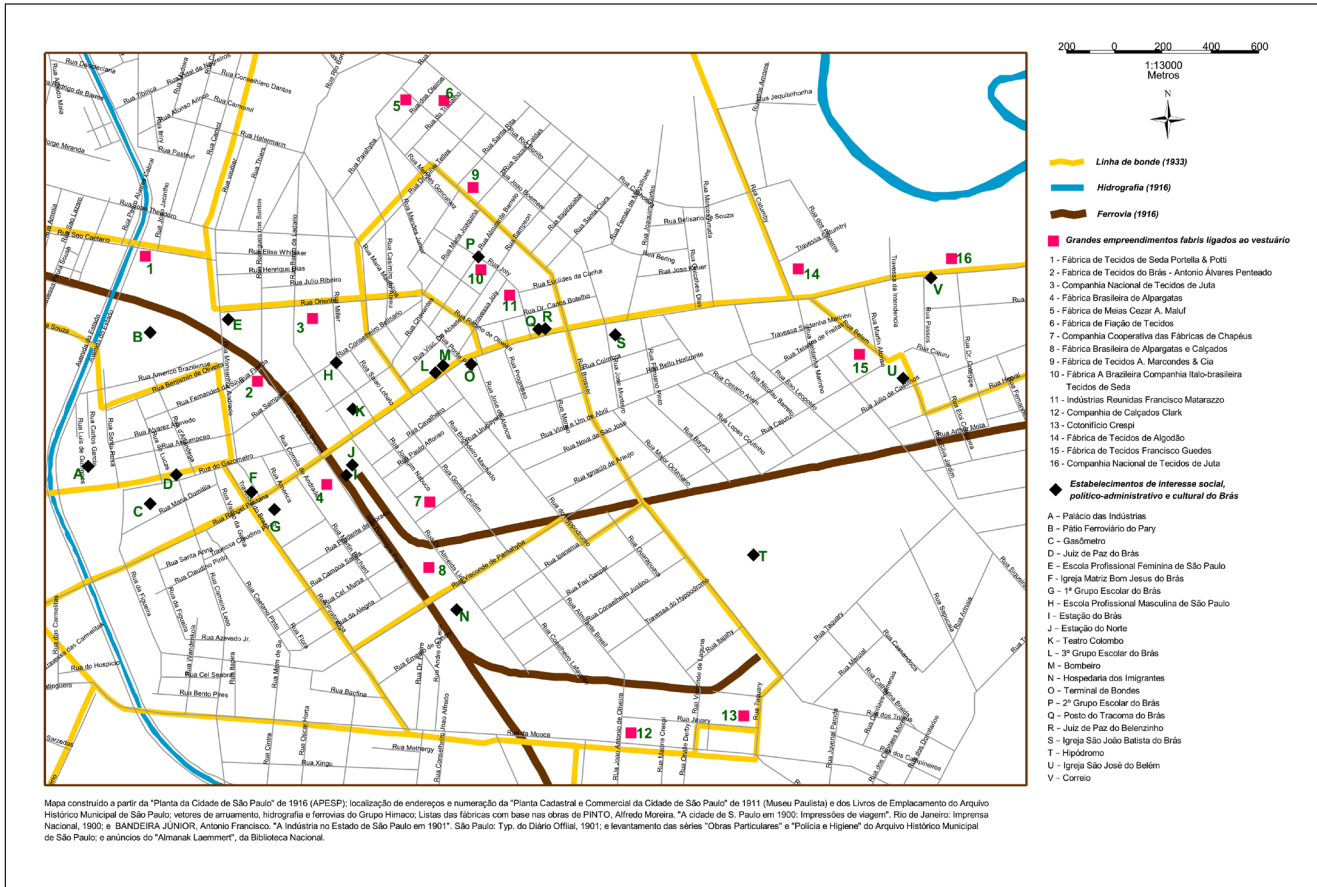


Figura 10 – Fábricas de tecidos e roupas e estabelecimentos de interesse social do Brás e região, 1900-1915. Elaboração: Carlos Thaniel Moura e Philippe Arthur dos Reis.

52. Vale recordar que antes dos primeiros bondes elétricos em São Paulo (a linha para o Brás era de número 2), ofereciam-se serviços de transporte por meio de tilburis, representados no *Mapa da Capital da Pcia. de S. Paulo* (Albuquerque; Martin, 1877). Em 1901 foi ins-

Se as linhas de bonde elétrico, instaladas gradativamente a partir de 1900, facilitavam a instauração desse parque fabril na cidade de São Paulo,⁵² percebe-se como também influíam sobre a localização dos diversos equipamentos sociais no Brás e em bairros limítrofes, como Mooca, Pari e Belenzinho. Evidentemente muitos desses equipamentos já existiam antes de a área ser ocupada pelas linhas de transporte, a exemplo das estações ferroviárias, da Hospedaria dos Imigrantes e do Gasômetro. Contudo, pode-se inferir como as linhas de bonde valorizaram determinadas áreas, pois proporcionavam a circulação de moradores, operários,

estudantes e outros sujeitos envolvidos nas dinâmicas sociais do Brás. À medida que São Paulo crescia em número de residências e novos moradores, a demanda por serviços como transporte, educação e saúde aumentava. No ano de 1902 a capital paulista já contava com pelo menos 286 mil habitantes, dos quais 68.790 residiam no Brás,⁵³ ou seja, quase 25% de toda a população da cidade, o que explica em parte a elevada quantidade de pedidos de construção de residências para o bairro, bem como a ampla rede comercial, especialmente nas ruas por onde passavam os bondes, sobretudo no eixo formado pelas Avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia.⁵⁴ Formada a partir dos anúncios do *Almanak Laemmert* entre 1900 e 1915, a Tabela 1 sintetiza a quantidade de comércios dedicados à produção e venda de artigos de vestuário no Brás.

Tabela 1 – Relação de estabelecimentos comerciais do Brás especializados no ramo de vestuário, armarinhos e fazendas (1900-1915)

ESTABELECIMENTO COMERCIAL	RUA	QUANTIDADE
Alfaiatarias e roupas feitas	Carneiro Leão	1
	Celso Garcia	10
	Concórdia	1
	Concórdia, Largo da	2
	Concórdia, Travessa da	2
	Correia de Andrade	1
	Gasômetro	3
	Maria Marcolina	4
	Monsenhor Anacleto	1
	Monsenhor Andrade	4
	Piratininga	1
	Rangel Pestana	20
	Santa Rosa	2
	Visconde de Parnaíba	1
TOTAL	53	

talada a linha 6 – Penha, e no ano posterior, outras seis estações: 8 – Mooca, 10 – Mooca via Avenida Rangel Pestana, 12 – Bresser via rua Piratininga, 14 – Bresser via rua Maria Marcolina e 18 – São Caetano. A linha 24 – Belém passa a funcionar em 1909, além de outras linhas instaladas e reformuladas nas décadas seguintes (Stiel, 1978).

53. Cf. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (1902).

54. O antigo caminho que ligava a cidade de São Paulo ao Rio de Janeiro era conhecido e oficializado como Estrada da Intendência. A partir de 1908 passa a se chamar Avenida Celso Garcia, em homenagem ao vereador falecido naquele ano, que era muito ligado aos interesses da população residente no Brás. Cf. Reis (2017a).

ESTABELECIMENTO COMERCIAL	RUA	QUANTIDADE
Armarinhos e fazendas	Barão de Ladário	1
	Brigadeiro Machado	1
	Carneiro Leão	2
	Celso Garcia	36
	Concórdia	2
	Concórdia, largo da	2
	Gasômetro	3
	Joli	1
	Maria Marcolina	2
	Monsenhor Andrade	5
	Oriente	2
	Piratininga	6
	Rangel Pestana	10
	Rodrigues dos Santos	1
	Visconde de Parnaíba	1
TOTAL	75	
Fábricas e lojas de calçados	Benjamim de Oliveira	1
	Brás, Travessa do	1
	Casemiro de Abreu	1
	Claudino Pinto	1
	Celso Garcia	34
	Concórdia	5
	Concórdia, largo da	2
	Domingos Paiva	1
	Gasômetro	12
	Maria Marcolina	2
	Mooca	2
	Piratininga	2
	Rangel Pestana	16
	Santa Rosa	1
	São Caetano	1
TOTAL	82	

ESTABELECIMENTO COMERCIAL	RUA	QUANTIDADE
Chapelarias e camisarias	Celso Garcia	12
	Gasômetro	2
	Maria Marcolina	2
	Monsenhor Andrade	1
	Rangel Pestana	10
	Santa Rosa	2
	São Caetano	1
	Vinte e Um de Abril	3
	TOTAL	33
Tinturarias	Largo da Concórdia	1
	Concórdia	1
	Gasômetro	1
	Monsenhor Andrade	1
	Rangel Pestana	2
	Visconde de Parnaíba	2
	TOTAL	8

Nos primeiros anos do século XX, à medida que a população paulistana aumentava, a produção de roupas e tecidos em larga escala seguia um ritmo acelerado. As fábricas ocupavam um papel central no sistema produtivo da indústria têxtil, com quase 50% da população empregada nesse ramo em 1919.⁵⁵ Porém, a Tabela 1 indica que esse número era muito maior, pois outros empreendimentos também disputavam o mercado, como pequenas fábricas, lojas e bazares. Dispondo de uma grande quantidade de fontes, que permitiram aferir a localização desses diferentes espaços, elaboramos as Figuras 13 e 25. Com base na *Planta industrial e comercial da cidade de São Paulo*, de 1911, e na numeração e pontos de referência de comércios que se dedicavam ao gênero do vestuário, em anúncios de almanaques, relatórios de fiscalização da Diretoria de Polícia e Higiene e nos processos de construção e reforma de obras particulares, lote a lote do Brás pôde ser preenchido conforme uma separação que convencionamos situar no campo do consumo de roupas.⁵⁶ Assim, as tinturarias seriam espaços dedicados a conferir nova tonalidade de cores às roupas, como informa o anúncio de Antonio Ponziani (Figura 11), que divulgava o uso de produtos químicos nos processos de

55. Fausto (2016, p. 134).

56. A relação das fontes que culminaram na elaboração das figuras 10, 13 e 25 pode ser vislumbrada a partir das duas tabelas constantes nos apêndices do artigo. Em ambas tabelas podemos perceber uma extensa pluralidade comercial no bairro do Brás, que a partir dos mapas por nós produzidos, traduzem a importância da utilização dos métodos de espacialização com apoio dos Sistemas de Informação Geográficas para a história das cidades e dos agentes nela envolvidos. Enquanto na tabela A há o levantamento pormenorizado dos processos de fiscalização da Diretoria de Polícia e Higiene (PH) e dos pedidos de construção e reforma da Diretoria de Obras e Viação, também conhecidas como Obras Particulares (PH) (disponíveis no acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo), com seus endereços, nomes de proprietários, eventualmente seus construtores e a notação arquivística, na tabela B há o levantamento dos usos que muitos dos imóveis elencados anteriormente tinham, com os nomes dos seus representantes (possivelmente locatários ou proprietários), endereço e o ano do *Almanak Laemmert* no qual as informações foram obtidas. Quando analisadas conjuntamente, as tabelas permitem identificar sujeitos comuns da São Paulo do começo do século XX, que edificaram e viviam de pequenos e médios rendimentos diante dos grandes complexos industriais vizinhos, ou seja, foram aqueles que numericamente produziram parte considerável da materialidade urbana e constituíram no Brás um espaço dedicado à produção e venda de artigos ligados ao vestuário, por exemplo.

lavagem e tingimento de roupas, além de outros serviços ligados ao vestuário. Armarinhos e fazendas eram lojas que vendiam roupas no varejo, bem como aviamentos para a produção de pequenas confecções de roupas e camisarias. As chapelarias englobavam lojas especializadas em chapéus. Por fim, o grupo dos alfaiates, profissionais que se dedicavam à produção artesanal de roupas sob medida para terceiros. Assim como no primeiro mapa (Figura 10), era imprescindível a demarcação das linhas ferroviárias e das linhas de bonde para compreendermos a distribuição espacial, e mesmo a dos equipamentos de uso social na região.



Figura 11 – Anúncio da Grande tinturaria nacional de Ponziani Antonio. Fonte: *A Concórdia* (1904, p. 4).

A Figura 13 confirma a dinamização das Avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia, pois evidencia a polarização do comércio ligado ao vestuário na porção leste da cidade entre 1900 e 1915, essencialmente na região próxima da linha férrea e de espaços frequentemente usados pelos moradores, como a Igreja Matriz Bom Jesus do Brás (nos mapas identificada pela letra F, além de aparecer nas Figuras 2 e 3), o Primeiro Grupo Escolar do Brás (letra G), as estações ferroviárias do Brás (letra I), do Norte (letra J) e do Teatro Colombo na Praça da Concórdia (letra K). Se atentarmos para cada categoria por nós formulada, podemos verificar que os alfaiates se destacaram no bairro, pois ao menos 49 deles atuaram não apenas no principal polo da Avenida Rangel Pestana com a Avenida Celso Garcia, mas em outras vias, como nas ruas do Gasômetro, Piratininga, Maria Marcolina, Monsenhor Andrade, Concórdia e Santa Rosa, todas servidas por linhas de bonde. O mesmo pode ser observado a respeito do comércio de armarinhos e fazendas, que, além das citadas, podiam ser encontrados nas ruas Barão de Ladário, Oriente e Carneiro Leão, esta última não servida por bonde, mas muito próxima da Avenida

Rangel Pestana e com uma densa ocupação que remontava ao final do século XIX, conforme atestam os pedidos de obras particulares encadernados.

Os armarinhos tinham destaque no Brás, pois comercializavam produtos que não se circunscreviam ao vestuário cotidiano, mas abarcavam fantasias e até mesmo perfumes. Exemplo é a Loja da África, propriedade de Amorim & C., que se dizia “a mais barateira de S. Paulo” (Figura 12). O empreendimento em muito se assemelhava à conhecida Loja do Japão, de Manoel Garcia da Silva, na rua São Bento nº 42, que aos poucos deixou de ser um bazar de variedades acentuadamente orientais para vender “leite condensado, presunto, peixe em conserva, artigos de papelaria, vinhos e licores, além dos produtos importados da China e do Japão e dos charutos de rapé, mais tradicionais”.⁵⁷ Outros estabelecimentos, como a Casa Ferraz, partilhavam da ideia de bons preços para angariar maior clientela (Figura 14).



Figura 12 – Anúncio da loja da África. Fonte: A Concórdia (1907, p. 16).

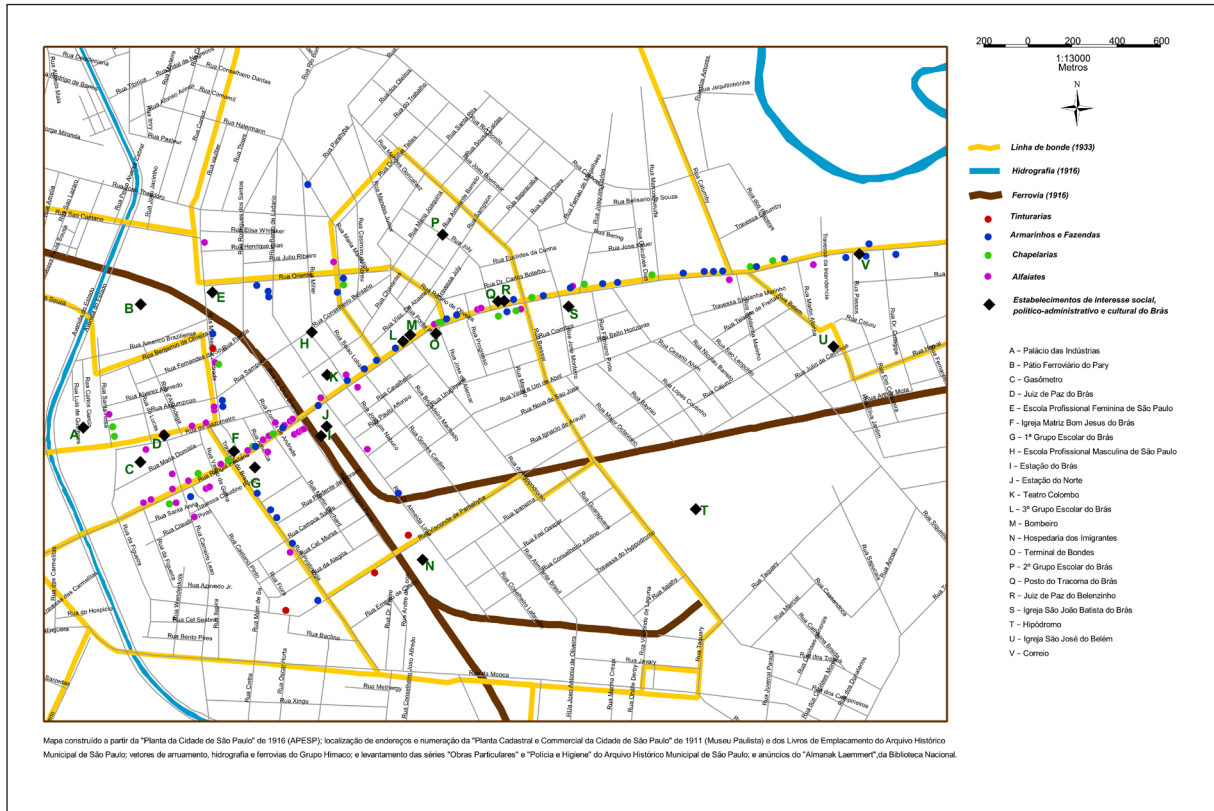


Figura 13 – Lojas de vestuário e estabelecimentos de interesse social do Brás e região, 1900-1915. Elaboração: Carlos Thaniel Moura e Philippe Arthur dos Reis.



Figura 14 – Anúncio da Casa Ferraz. Fonte: *Braz S. Paulo* (1902, p. 3).

As chapelarias seguiam a mesma tendência de ocupação do espaço comercial de roupas, pois também estavam em vias servidas por linhas de bonde, e a grande maioria se localizava no principal eixo comercial do Brás, entre a avenida Rangel Pestana e o Largo da Concórdia. Lojas e fábricas como a de Luiz Paleari (Figura 15) circulavam a ideia da importância do chapéu como elemento da indumentária masculina. Barbuy contabilizou um total de 74 estabelecimentos que comercializavam a peça nas ruas do centro da cidade em 1901,⁵⁸ e até 1915 contabilizamos 33 chapelarias nas ruas do Brás, ou seja, quase a metade daquelas que constavam na região do Triângulo, atendendo possivelmente os moradores dessa área e até mesmo de outros bairros paulistanos que buscavam melhores preços (e, por que não, qualidade?) em comparação com o centro.⁵⁹ O elevado número de estabelecimentos que comercializavam chapéus não parece estranho, pois era um componente que conferia elegância ao vestuário masculino e cumpria uma função identitária entre os homens da cidade,⁶⁰ como demonstrado pela caricatura do velho rifão (Figura 6).

Se os chapéus marcaram a moda do começo do século, os calçados não fugiram à regra. Conforme anúncios que demarcavam a qualidade e o preço das lojas do Brás, calçados eram vendidos junto com outros produtos, até alimentos, na fábrica de João Panariello (Figura 16), na travessa do Brás nºs 30 e 32,⁶¹ espaço privilegiado por estar muito próximo à igreja matriz do bairro e por contar com um ramal da linha de bondes.

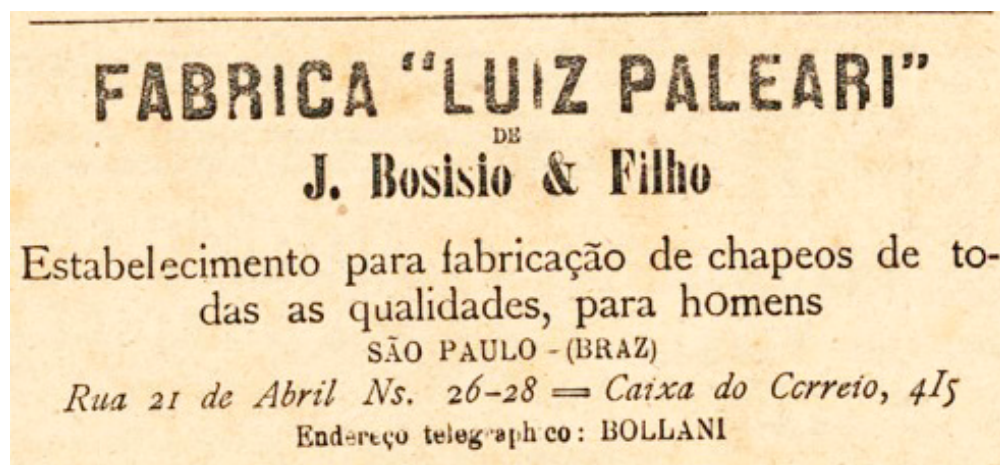


Figura 15 – Anúncio da Fábrica Luiz Paleari, de J. Bosisio & Filho. Fonte: *Braz S. Paulo* (1902, p. 3).

58. Barbuy (2006, p. 194).

59. Em suas memórias, o historiador Boris Fausto relata diversas impressões da cidade na primeira metade do século XX, e traz um dado interessante: ao lembrar que as ruas do centro eram voltadas quase que exclusivamente ao comércio de artigos de luxo – sua família, de classe média, moradora da região da Consolação, com frequência ia às lojas da ladeira General Carneiro, “aguentando o incômodo dos vendedores das pequenas lojas de carregação, enfileiradas ao longo da ladeira”, ou as liquidações da Casa Kosmos, o que Fausto denomina como um ritual obrigatório que “consistia em misturar-se à multidão de frequentes da loja para comprar camisas, gravatas pintalgadas de bolinhas, capas ou cuecas, a preço razoável” (Fausto, 1997, p. 174-175). Talvez a ideia comum de cidade setorizada, com bairros exclusivos para determinados sujeitos, não se encaixe tanto nas memórias do historiador como nos mapas que produzimos, pois os diversos espaços comerciais, aliados às diferentes linhas de bonde, proporcionavam uma ampla circulação pela cidade.

60. Relembramos o caso da *jupe-culotte* vestida por Hermínia Gonçalves e escrita na carta de Alice d'Oliveira. A peça era um exemplo da afirmação feminina nesse contexto, mas nos anúncios de almanques e jornais não foi identificada como um produto a ser vendido nos estabelecimentos pesquisados.

61. Atual rua Jairo Góis.



Figura 16 – Anúncio da Fábrica de João Panariello. Fonte: *Braz S. Paulo* (1902, p. 3).

Se alguns anúncios propagandeavam bom preço e localização nas principais ruas do Brás, outros passavam a investir num maior apelo comercial, utilizando-se de ilustrações dos produtos, como os calçados Clark, que disputavam o mercado anunciando bom preço, qualidade, durabilidade, resistência, firmeza e, acima de tudo, conforto (Figuras 17 a 20).

Atendendo o público masculino, feminino e infantil, os calçados Clarck podiam alcançar boa parte do Brás e região, pois, sendo produzidos nas proximidades da rede de bondes, tinham distribuição garantida para todas as áreas da cidade. Tratava-se de uma loja que não tinha como público-alvo os setores populares, mas aqueles que possuíam maiores rendimentos, como os setores médios. Vale notar as Figuras 17, 18 e 20, nas quais percebemos que, para atrair clientes, as propagandas utilizam uma linguagem persuasiva: os calçados ofereciam “perfeita elegância”, conforto, resistência, durabilidade, além de serem produzidos a partir de um “systema americano”, custando apenas 10\$ e 12\$ os sapatos masculinos, 9\$ os femininos, e 8\$ os sapatos para meninos. Outro elemento nessa propaganda, também presente na Figura 19, chama a atenção: o fato de a Casa Clarck rotular seu produto como “paulista” para se afirmar no mercado local, implicitamente contribuindo para o ufanismo regional alimentado desde finais do século XIX.⁶²

O mapa das lojas de vestuário (Figura 13) evidencia que uma parcela considerável de alfaiates dominava os imóveis da Avenida Rangel Pestana, além de outros se situarem nas proximidades e na Avenida Celso Garcia. Segundo

62. Cf. Abud (1985); Ferreira (2002).

Barbuy, a partir das duas últimas décadas do século XIX as alfaiatarias tiveram notável crescimento, e algumas se tornaram grandes estabelecimentos “sem perder as características da confecção de roupa sob medida”.⁶³ A Alfaiataria Vasco da Gama exemplifica o desejo de identificação dos setores médios com o mundo do consumo internacional, ao enfatizar, em sua propaganda de 1906, “modelos parisienses” – a figura de um homem vestindo sobretudo, cartola e bengala (Figura 21), muito parecido com o modelo anunciado pela casa de roupas masculinas Aux 600 Mil Paletots, situada na rua Direita nº 38A (Figura 22).

Calçado Clark
o melhor !

Perfeita elegancia
Admiravel conforto
Solida durabilidade

Paulista

Calçado de resistencia
Manufaturado no systema americano
Convem pelo preço e pela durabilidade.

Homens 10\$ e 12\$; Meninos 8\$
Senhoras e 9\$000.

Rua São Bento n. 18
Av. R. Pestana N. 233

Figura 17 – Anúncio da loja de calçados Clark. Fonte: *A Concórdia* (1911, p. 3).

Nunca se viu
 NO BRAZ

Calçado por tal preço ♦ ♦ ♦

A Filial da CASA CLARK

Abriu a sua costumada
GRANDE VENDA

Vale a pena por curiosidade ver
 os preços marcados

Homens
 Senhoras
 e Crianças

Qualquer pessoa pode andar
 calçado por tal preço

Avenida Rangel Pestana num. 233

Só este mez

Figura 18 – Anúncio da Casa Clark, loja de calçados do Brás. Fonte: *A Concórdia* (1909, p. 4).

Casa Clark

FILIAL NO BRAZ

—211 Av. R. Pestana 211—

Calçado Paulista muito confortavel e elegante
 Leva grande vantagem sobre qual
 quer outro na durabilidade,
 Para homens e Senhoras e crianças.

Preços ao alcance de todos,
 Só na casa clark ver para crer.

Figura 19 – Anúncio da Casa Clark, loja de calçados do Brás. Fonte: *A Concórdia* (1907, p. 18).

Filial do Clark

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

Variado sortimento de calçados finos para senhoras, crianças e homens. Calçados fortes para homens e meninos, por preços baratíssimos. Commodo. Duravel. Elegante. O unico calçado que resiste a toda a humidade è o

Clark

211, AV. RANGEL PESTANA, 211

B. PAFLO

Figura 20 – Anúncio da loja de calçados Clark. Fonte: *A Concórdia* (1907, p. 6).

Alfaiataria
Vasco da Gama

TRABALHO GARANTIDO
ULTIMAS NOVIDADES
MODELOS PARISIENSES

JOSÉ AUGUSTO GOMES
Av. Rangel Pestana 194 (Largo da Concórdia)

S. PAULO—BRAZ

Figura 21 – Anúncio da Alfaiataria Vasco da Gama, localizada num espaço privilegiado do comércio de roupas do Brás, entre a Avenida Rangel Pestana e o Largo da Concórdia. Fonte: *A Concórdia* (1906, p. 3).



Figura 22 – Anúncio da casa de roupas masculinas Aux 600.000 Paletots, situada na rua Direita nº 38A, publicado no Almanaque para 1895. Fonte: Barbuy (2006, p. 181).

Outro importante elemento da vida social paulistana no começo do século XX eram as barbearias e os salões de cabeleireiro, que, junto com perfumarias, joalherias, relojarias e ourives, demarcaram os espaços ligados à estética pessoal. Cada estabelecimento desses pode ser entendido como exemplo comercial com importante papel no processo de urbanização da cidade de São Paulo. A Figura 23 remete a um desses empreendimentos. Trata-se do pedido de construção de um “Salão para barbearia” feito por José Pinto da Silva em junho de 1913, que aproveitou ao máximo o espaço ocioso de seu terreno, onde meses antes havia iniciado a construção de duas casas geminadas (Figura 24). Atesta-se assim a diversificação das formas de rendimento dos setores médios paulistanos por meio do mercado imobiliário rentista e comercial. A Figura 25 permite aferir a localização espacial dos empreendimentos e também suas relações com os comércios descritos no mapa representado pela Figura 13. A produção da Figura 25 se deu graças à sistematização da Tabela 2, que contabiliza o número dos comércios relacionados à estética pessoal nas ruas do Brás e região.

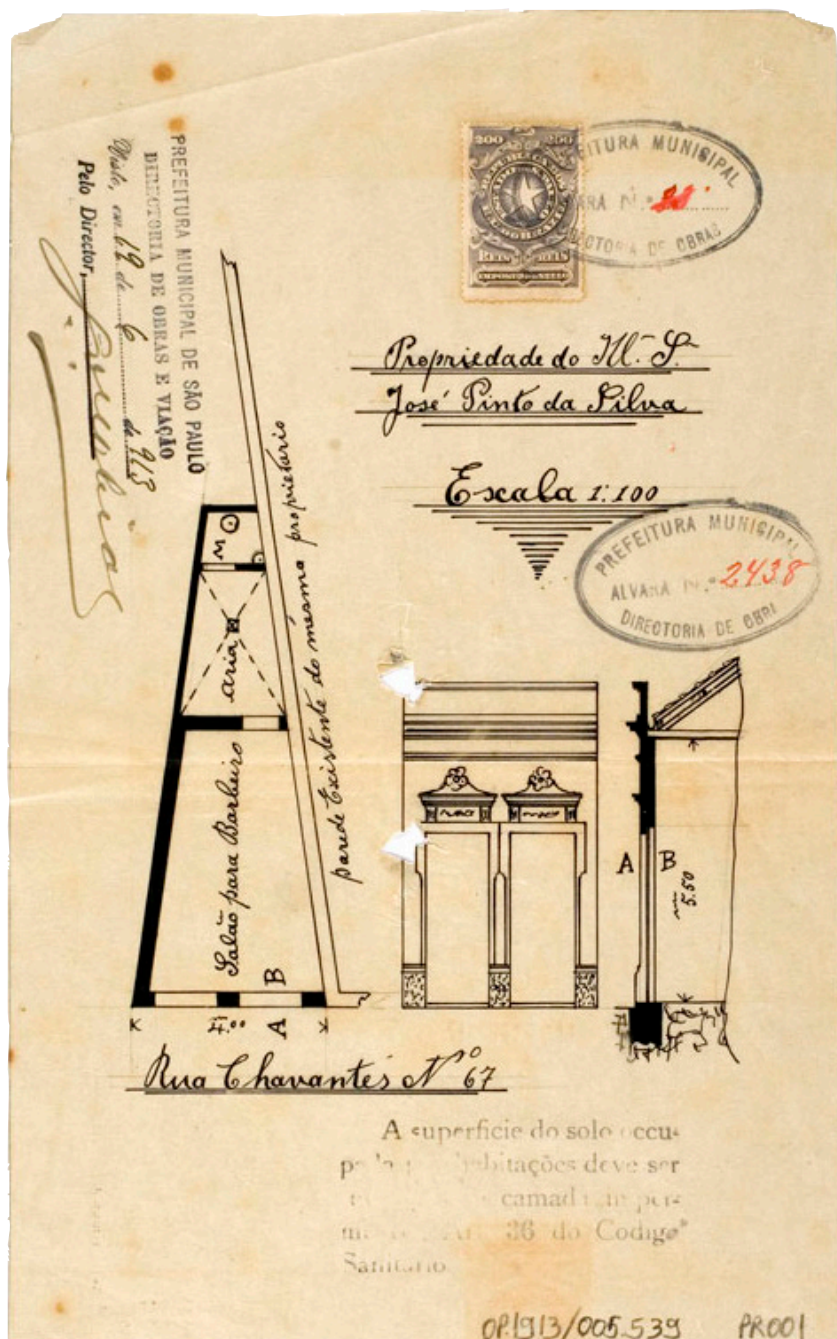


Figura 23 – Propriedade do Ill. S. José Pinto da Silva, na rua Xavantes n.º 67. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

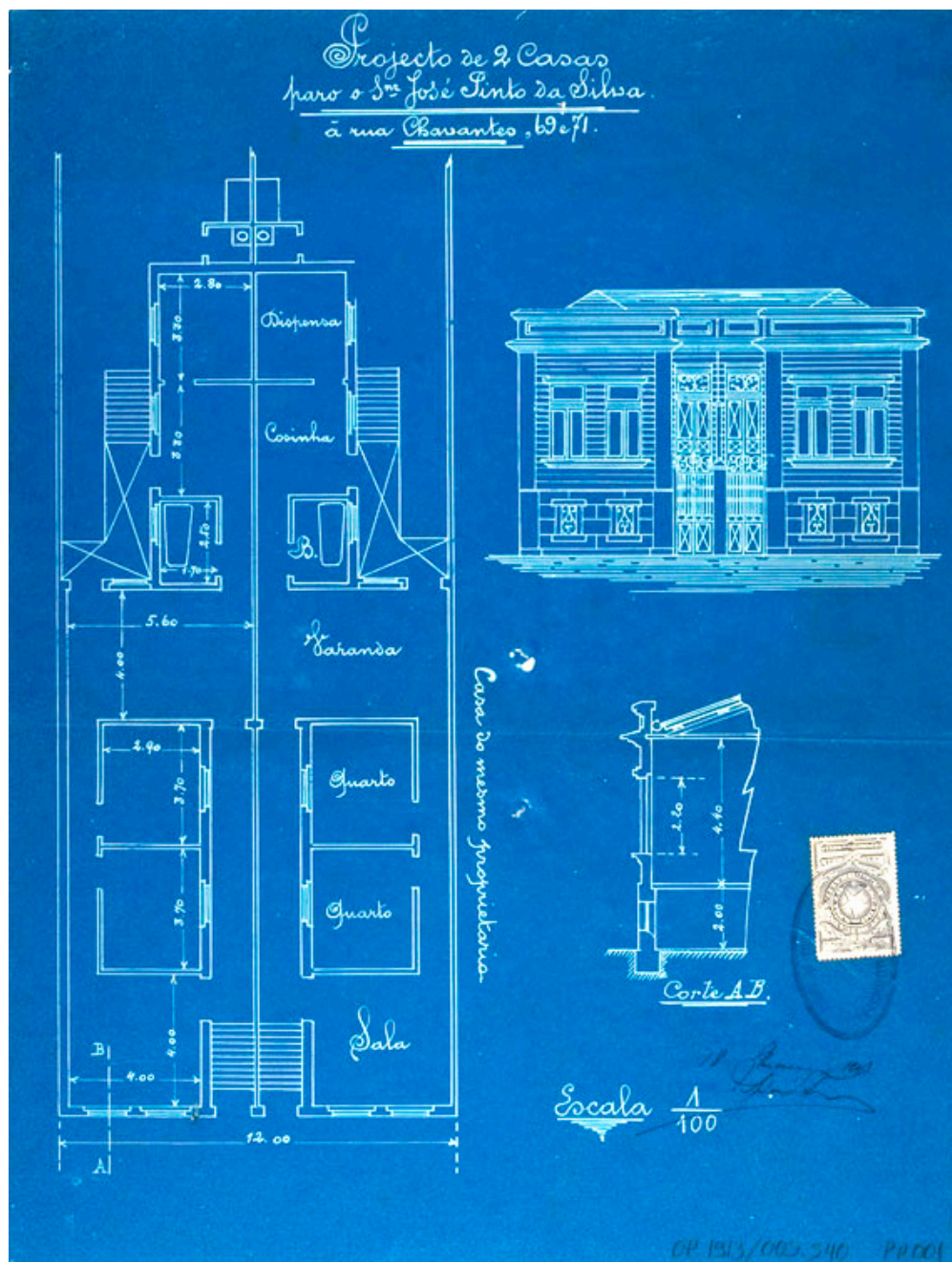


Figura 24: Projecto de 2 casas para o Snr. José Pinto Da Silva, na rua Xavantes nº. 69 e 71. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

Tabela 2 – Relação dos estabelecimentos comerciais do Brás especializados em cabelos e adornos, 1900-1915

ESTABELECIMENTO COMERCIAL	RUA	QUANTIDADE
Barbearia e cabeleireiros	Benjamin de Oliveira	1
	Bresser	1
	Brigadeiro Machado	1
	Carneiro Leão	5
	Celso Garcia	17
	Concórdia, largo da	2
	Cruz Branca	1
	Gasômetro	8
	Maria Marcolina	5
	Miler	1
	Monsenhor Andrade	5
	Rua Oriente	2
	Piratininga	6
	Rangel Pestana	35
	Rodrigues dos Santos	1
	Santa Rosa	4
	São Caetano	3
	Xavantes	1
	TOTAL	99
Joalheria, relojoaria e ourives	Celso Garcia	5
	Gasômetro	3
	Monsenhor Andrade	1
	Piratininga	4
	Rangel Pestana	7
	TOTAL	20

ESTABELECIMENTO COMERCIAL	RUA	QUANTIDADE
Perfumarias	Carneiro Leão	3
	Celso Garcia	5
	Concórdia	1
	Concórdia, largo da	1
	Monsenhor Andrade	1
	Piratininga	5
	Rangel Pestana	12
	Visconde de Parnaíba	1
	TOTAL	29

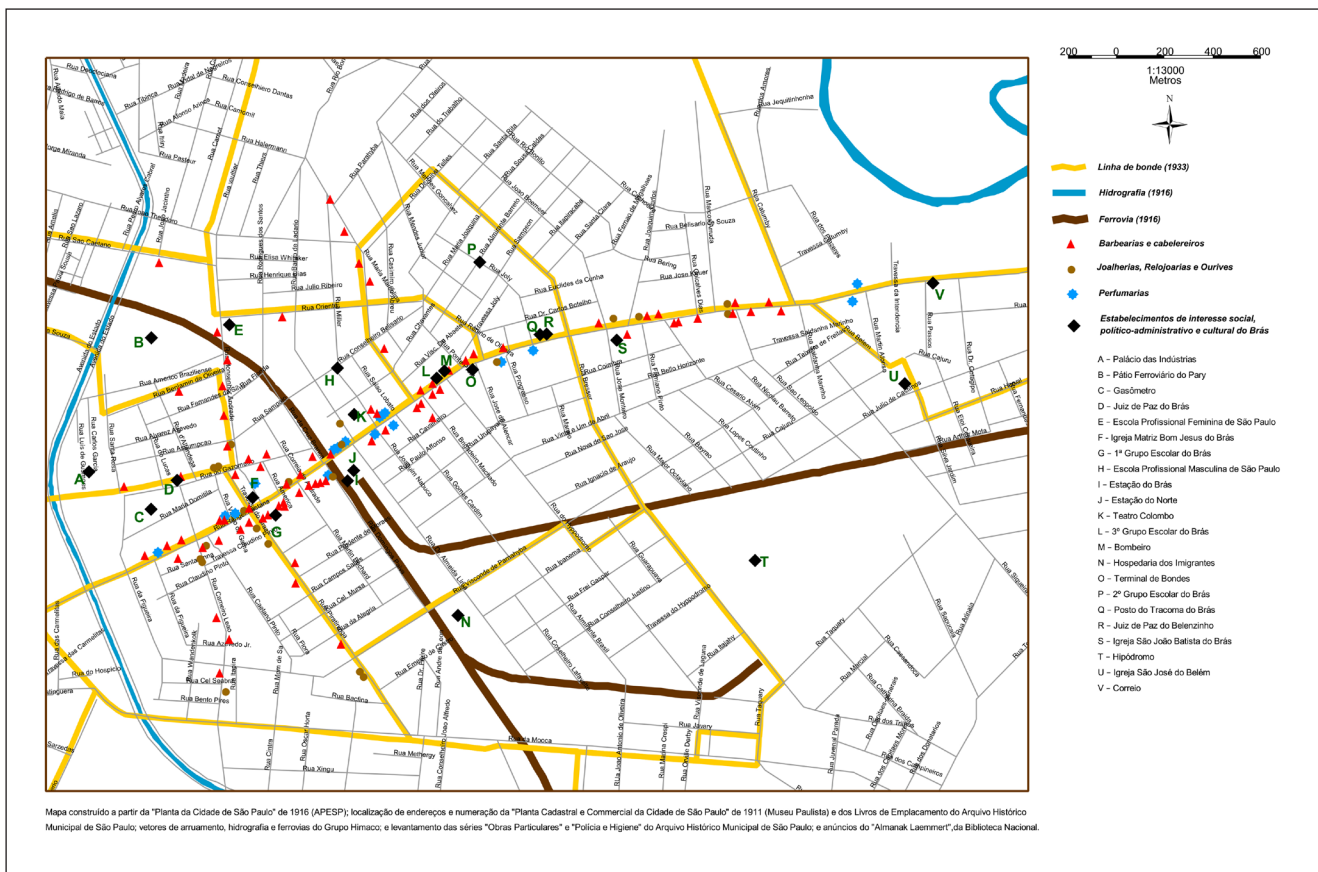


Figura 25 – Espaços de beleza e ornamentação pessoal e estabelecimentos de interesse social do Brás e região, 1900-1915. Elaboração: Carlos Thaniel Moura e Philippe Arthur dos Reis.

É de impressionar o número de barbeiros e cabeleireiros existentes na região do Brás e adjacências. Pudemos localizar os 99 precisamente no mapa; assim como os demais comércios do mundo da moda, estavam situados no eixo das Avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia, mas com maior presença entre as ruas do Gasômetro, Maria Marcolina, Piratininga e Monsenhor Andrade. As perfumarias não fugiram à regra, localizando-se principalmente na avenida Rangel Pestana, como a Casa Armênia (Figura 26), que lembra um armário convencional, mas também se dedicava à venda de diferentes produtos ligados ao vestuário.

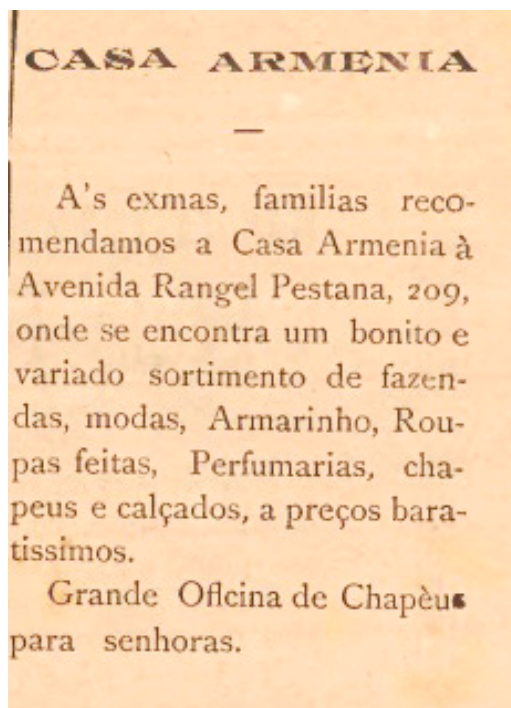


Figura 26 – Anúncio da Casa Armênia. Fonte: *A Concórdia* (1907, p. 5).

Já as lojas dedicadas ao comércio de relógios, ouro e pedras preciosas, numericamente eram muito menores que os demais estabelecimentos comerciais ligados ao vestuário, mas compunham uma parcela significativa, espalhadas entre as Avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia e também presentes nas ruas Concórdia, Piratininga, Carneiro Leão e no largo da Concórdia. Dentre essas lojas se sobressaem a Santos Velho, especializada na produção de cordões e correntes (Figuras 27 e 28), e a Casa Portuguesa, que usava os bons serviços e o preço de chamariz da clientela local (Figura 29).



Figura 27 – Anúncio da Casa de Joias e Relojoaria Santos Velho. Fonte: *A Concórdia* (1907, p. 17).



Figura 28 – Anúncio da Casa de Joias e Relojoaria Santos Velho. Fonte: *A Concórdia* (1907, p. 5).



Figura 29 – Anúncio da Casa Portuguesa. Fonte: *A Concórdia* (1909, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a dinâmica dos usos de uma cidade como São Paulo requer um esforço que vai além de simplesmente rever lugares comuns e conferir crítica às fontes, sejam elas novas ou comumente utilizadas. Nas palavras do historiador Carlo Ginzburg, “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis”,⁶⁴ dados e espaços que passaram pelos olhos dos pesquisadores e que estiveram à margem das discussões historiográficas. A noção do Brás como bairro exclusivamente operário e fabril, ideia que aos poucos se afirmou graças aos grandes entrepostos fabris e à mão de obra ali empregada, parece não se sustentar quando evidenciamos a pluralidade comercial, sobretudo no que se refere à moda. Os comércios elencados nas Tabelas 1 e 2 permitem vislumbrar um bairro dotado de dinamismo e intensa atividade urbana, com ampla concorrência e oferta aos consumidores de classes populares e médias que ali residiam ou de outras partes da cidade. Estas constatações contrariam as obras de memorialistas e cronistas, que recordam chaminés, sistemas produtivos e operários do Brás.

As redes comerciais do mundo da moda, visualmente demonstradas nos mapas por nós elaborados, explicam o relacionamento dos consumidores com o bairro, sobretudo com os equipamentos nos arredores, os quais podiam ser alcançados pelos trilhos do bonde ou mesmo a pé. Nesse sentido, a Avenida Rangel Pestana é o melhor exemplo de via que, além de aglutinar a maioria dos alfaiates, chapelarias, armarinhos, lojas de calçados, barbeiros, perfumarias e joalherias, contava com uma frota de bondes em direção ao centro da cidade e a outros bairros, como Belém, Mooca e Pari. A avenida permitia circulação de consumidores e a dinamização de ruas paralelas, também ocupadas por comércios, mas principalmente por casas mínimas, geminadas e alguns sobrados.

Equipamentos como o Gasômetro, a Hospedaria dos Imigrantes e o Palácio das Indústrias marcaram a paisagem junto com fábricas de grande porte, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, a Alpargatas e as fábricas ligadas a Armando Álvares Penteado. Reunindo documentos que evidenciavam a existência de comércios na região, como as séries Obras Particulares e Polícia e Higiene, somadas aos anúncios do *Almanak Laemmert* e dos jornais *A Concórdia* e *Braz S. Paulo*, pudemos perceber que o bairro não se construiu apenas com grandes empreendimentos, mas também com intensa presença de pequenos e médios comerciantes. Esses espaços, identificados nos mapas, permitem aferir o papel de seus proprietários na urbanização da cidade e as redes que passaram a construir nas duas primeiras décadas do século XX. Não seria fortuito dizer que conheciam os melhores espaços para investimento de seus capitais, no caso, em vias que contavam com redes de transporte, além de aproveitarem ao máximo o uso de suas edificações, seja denotando um uso misto (com moradia e comércio, por exemplo), ou congregando num mesmo espaço a venda de roupas com alimentos. A maioria desses sujeitos, identificados nominalmente nos anexos deste artigo, parece ser imigrante ou descendente de estrangeiro, polarizando a rede de pequenos e médios comércios no Brás e possivelmente em outros bairros da cidade. Assim, sintetizamos a discussão a partir de um novo questionamento: seria a nacionalidade o motivo de esses sujeitos não constarem como proprietários e investidores nos livros de Alfredo Moreira Pinto e Francisco Bandeira Júnior?

O Brás, assim como outras regiões de São Paulo, contou com uma imensa variedade de espaços comerciais e fabris. Contudo, ainda estamos presos a fios que ligam sua história a uma compreensão generalizada de determinados sujeitos e que não percebe os rastros de outros na composição da materialidade urbana, ignorando possíveis tensões e embates em sua costura. Se pelos mapas apresentados percebemos a diversidade comercial do bairro e das intensões dos proprietários ao instalarem comércios de roupas e demais artigos da moda,

sobretudo em vias de grande circulação e nas proximidades de equipamentos sociais, pelas fotos e plantas arquitetônicas compreendemos o quanto esses indivíduos estavam inseridos nas dinâmicas de produção da materialidade da cidade, além de serem nítidos conhecedores de questões sociais como aumento dos fluxos populacionais e demandas por serviços. Se foram motivo de intriga para a elite local ainda não sabemos, mas é certo que, por serem pequenos e médios proprietários, causavam certos desconfortos, assim como as *jupes-culottes* de Alice d'Oliveira e Hermínia Gonçalves, que até então não eram roupas bem-vistas pelo público masculino, mas abriram o debate sobre a vida na cidade, podendo mesmo ter contribuído para a venda de peças em lojas e armarinhos ou aumentado as encomendas para as costureiras da São Paulo do começo do século XX.

REFERÊNCIAS

FONTES MANUSCRITAS

LAVIERI, Micheli. *Projecto de uma casa para trabalhadores*. São Paulo, 1911. (Série Obras Particulares n. 1911.000.342, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

LIVROS DE EMPLACAMENTO – Avenida Rangel Pestana. São Paulo, 1908- 1912. (Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

OBRAS PARTICULARES. São Paulo: Fundo Prefeitura Municipal, 1893-1905; 1906-1923; 1924-1935. (Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

PLANTA de construção da nova fábrica da “S. Paulo Alpargatas Co”, na rua da Concórdia. São Paulo, 1915. (Série Obras Particulares n. 1915.001.178, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

POLÍCIA e Higiene. São Paulo: Fundo Prefeitura Municipal, 1906-1923; 1924-1935. (Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

PROJECTO de 2 casas para o Snr. José Pinto Da Silva”, na rua Xavantes, 69 e 71. São Paulo, 1913. (Série Obras Particulares n. 1913.005.539, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

PROPRIEDADE do Ill. S. José Pinto da Silva, na rua Xavantes, 67. São Paulo, 1913. (Série Obras Particulares n. 1913005.539, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

SILVA, Pedro Gomes. Projeto para construção de 2 casas operárias nos fundos do terreno sito á rua Barão de Ladário, nº 18C. São Paulo, 1913. (Série Obras Particulares n. 1913.000.591, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo).

FONTES IMPRESSAS

BANDEIRA JÚNIOR, Antonio Francisco. *A indústria no Estado de São Paulo em 1901*. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1901.

BRAZ S. PAULO. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 22 out. 1902.

A CONCÓRDIA. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 4 set. 1904.

_____. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1º abr. 1906. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

_____. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1º jan. 1907. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

_____. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 3 out. 1909. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

_____. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 2 abr. 1911. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

ALMANAK Laemmert. Rio de Janeiro, 1901-1915. (Acervo da Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital Brasileira).

CÂMARA MUNICIPAL. Lei nº 38, de 24 de maio de 1893. Estabelece a aprovação de plantas para as novas edificações. *Diário Oficial do Município de São Paulo*, São Paulo, SP, 24 maio 1983. Seção 1, p. 12.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. *Anuario estatístico estadual*. São Paulo, 1902.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo: Acervo Estadão, 13 maio 1911. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo: Acervo Estadão, 20 mar. 1917. (Arquivo Público do Estado de São Paulo).

PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de S. Paulo em 1900*: impressões de viagem. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Histórico demográfico do município de São Paulo*. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/2ZoSZ3>>. Acesso em: 19 out. 2018.

SÃO PAULO. Código de Posturas do Município de São Paulo. *Diário Oficial do Município*, São Paulo, 6 out. 1886. Seção 1, p. 8503.

_____. Decreto nº 233, de 8 de março de 1894. Estabelece o Código Sanitário. *Diário Oficial do Estado*, São Paulo, 8 mar. 1894. n. 815, p. 9605.

CARTOGRÁFICAS

CARDIM, Gomes (Org.). *Planta Geral da capital de São Paulo*. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, 1897.

COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLÓGICA. *Planta Geral da cidade de São Paulo com indicações diversas*. São Paulo: Biblioteca Digital Luso Brasileira, 1914.

DIVISÃO CADASTRAL. *Planta da cidade de São Paulo*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 1916.

PLANTA industrial e commercial da cidade de São Paulo. São Paulo: Thomas & Cia, 1911. (Acervo do Museu Paulista).

ICONOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Francisco de; MARTIN, Jules. *Mapa da Capital da Pcia. de S. Paulo. S. Paulo seus edificios públicos, hotéis, linhas férreas, igrejas, bonds, passeios, etc.* São Paulo: Arquivo Público Municipal, 1877.

BECHERINI, Aurélio. *O Largo do Brás.* São Paulo, 1914. (Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, Tombo: DC/0000464/E e DC/0000465/E).

LIVROS, ARTIGOS E TESES

ABUD, Katia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista – o bandeirante.* 1985. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 1985.

BARBUY, Heloisa. *A Cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: Edusp, 2006.

BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos.* São Paulo: Edusp, 2005.

BRESCIANI, Maria Stella. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. In: FERREIRA, Antonio Celso; LUCCA, Tânia; IOKOI, Zilda (Orgs.). *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo.* São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 11-45.

_____. Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo, 1850-1950. In: _____. (Org.). *Palavras da cidade.* Porto Alegre: Editora da UFRS, 2001. p. 343-366.

BORIN, Monique Felix. *A Barra Funda e o fazer da cidade: experiências da urbanização em São Paulo (1890-1920).* 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

_____. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica. São Paulo (1809-1950).* São Paulo: Edusp, 2016.

CARONE, Edgard. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Senac, 2001.

CARVALHO, Clara Cristina Valentim Anaya de. *Os setores médios e a urbanização de São Paulo: Vila Mariana, 1890-1914*. 2015. 268 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. *Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. Os melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas*. 2015. 792 f. Tese (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GENNARI, Luciana Alem. *As casas em serie do Brás e da Mooca: um aspecto da constituição da cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAUUSP, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBSBAWM, Eric. Quem é quem ou as incertezas da burguesia. In: _____. *A era dos impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 261-300.

KUVASNEY, Eliane. Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 64, p. 167-182, 2016.

LODY, Jorge. *Arquitetura e cidade: obras particulares em São Paulo, 1906-1915*. 2015. 316 f. Tese (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARINS, Paulo César Garcez. Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo”. In: LANNA, Ana Lúcia Duarte. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 209-244.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização – São Paulo, 1850-1900*. São Paulo: Alameda, 2005.

RABELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. Desafios e possibilidades ao uso de sistemas de informações geográficas na história. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 5., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 1-21.

REIS, Philippe Arthur dos. *Construir, morar e vier para além do centro de São Paulo: os setores médios entre a urbanização e as relações sociais do Brás (1870-1915)*. 2017. 384 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. Propostas de habitação para São Paulo: Celso Garcia e os embates na Câmara Municipal. In: SEMINÁRIO URBANISTAS E URBANISMO NO BRASIL, 3., 2017, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2017a. p. 100-113.

_____. O desdobrar da lei: diálogos e ideias para a implementação de uma política habitacional em São Paulo no começo do século XX. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 24., 2018, Guarulhos. *Anais...* Guarulhos: Unifesp, 2018, p. 1-18.

SAES, Décio. *Classe média e política na Primeira República (1889-1930)*. Petrópolis: Vozes, 1975.

SCHNEK, Sheila. *Bexiga: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906-1931)*. 2016. 358 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê, 2000.

STIEL, Waldemar Corrêa. *História dos transportes coletivos em São Paulo*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil: Edusp, 1978.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *O bairro do Brás*. São Paulo: Oficina da Gráfica Municipal, 1969.

Artigo apresentado em 31/10/2017. Aprovado em 25/07/2018.

All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License



APÊNDICE A

Tabela A: Proprietários de imóveis em ruas do Brás que se dedicavam ao comércio de roupas e artigos congêneres

ENDEREÇO	Nº	PROPRIETÁRIO	CAIXA	NOTAÇÃO	CONSTRUTOR
Rua da Alfândega		IRFM	OP45	OP1909.000.046	
Rua Assunção		IRFM	OP68	OP1910.000.236	
Rua Assunção		IRFM	PH27	OP1907.000.111	
Rua Barão de Ladário	s/n	Companhia de Tecidos de Juta	OP152	OP1912.000.525	Alexandre Leslie
Rua Barão de Ladário	s/n	Companhia de Tecidos de Juta	OP80	OP1910.000.309	
Rua Belém		Francisco Guedes	OP104	OP1911.000.509	
Belenzinho		Borges e Kirch	OP16	OP1907.000.241	
Rua Borges de Figueiredo	junto ao 98		OP52	OP1909.000.440	José Kanz
Rua Bresser	125	Manoel Ferreira	OP266	OP1914.000.722	
Rua Bresser	351 (antigo 225)	Angelo Lochini	PH14	OP1912.000.764	
Rua Bresser	55	A. Marcondes e Cia	OP118	OP1911.000.589	
Rua Brigadeiro Machado	59	Henrique Fachlam	OP402	OP1914.000.801	
Rua Casemiro de Abreu	72	Domenico Spadula	OP	OP1915.001.000	
Rua Catumbi	42	Fratelli Mortari	OP124	OP1910.000.926	
Avenida Celso Garcia		Companhia de Tecidos de Juta	OP124	OP1911.000.981	
Avenida Celso Garcia	58			OP1914.001.140	
Avenida Celso Garcia	64	Antonio Messina	OP222	OP1913.001.347	Benedicto Bettyo
Avenida Intendência	109	Chieffi, Biola e Erwenni	OP23	OP1907.000.818	
Avenida Celso Garcia	385	Pedro Scarrone		OP1915.001.081	
Avenida Celso Garcia	433 e 465	Companhia Nacional de Tecidos de Juta	OP224	OP1913.001.471	Alexandre Leslie
Avenida Intendência	442	Alberto Bertachi	PH27/OP42	OP1908.001.045	

ENDEREÇO	Nº	PROPRIETÁRIO	CAIXA	NOTAÇÃO	CONSTRUTOR
Avenida Celso Garcia	449	IRFM	OP124	OP1911.000.969	Henry Rogers, Son e Cia
Avenida Celso Garcia	449	IRFM	OP119	OP1911.003.903	
Avenida Celso Garcia	455	Companhia de Tecidos de Juta	OP370	OP1915.001.092	
Avenida Celso Garcia	455	Companhia de Tecidos de Juta	OP306	OP1915.001.091	
Avenida Celso Garcia	538	Lombardi Companhia	OP284	OP1914.001.182	
Rua Claudino Pinto		Salim Farah Maluf	OP194	OP1913.001.471	L. de Faria e Maia
Largo da Concórdia	65	Companhia de Tecidos de Juta	OP248	OP1914.001.289	Raul dos Santos Oliveira
Rua Concórdia	s/n	Companhia de Tecidos de Juta	OP195	OP1913.001.518	
Rua Concórdia	101 e 103		PH54	OP1910.000.710	Raul dos Santos Oliveira
Rua Concórdia	147	Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados	OP38	OP1908.000.665	Julio Micheli
Rua da Concórdia	147	Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados	OP60	OP1909.000.740	Julio Micheli
Rua da Concórdia	147	Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados	OP371	OP1915.001.178	
Rua da Concórdia	16	Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados	OP124	OP1911.001.047	
Travessa da Concordia	s/n	Companhia de Tecidos de Juta	OP224	OP1913.001.520	
Rua Conselheiro Belisário	junto ao 52	Manoel Vieira da Luz	OP123	OP1911.001.087	José Kanz
Rua Domingos Paiva	14	Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados	PH119	OP1907.000.401	Julio Micheli
Rua do Gasômetro	101	Alfredo Chauvet	OP182	OP1907.000.677	Fernando Simões
Travessa Intendência	19	Companhia de Tecidos de Juta	OP286	OP1914.002.379	Raul dos Santos Oliveira
Travessa Intendência	37	José Quedas	OP125	OP1911.001.847	
Travessa Intendência		Boyes & Kirk	OP284	OP1906.000.820	
Rua Javary		Rodolpho Crespi	OP17	OP1907.000.900	
Rua João Boemer	4	Senhores Tenore & Decannilis	OP161	OP1912.002.483	

ENDEREÇO	Nº	PROPRIETÁRIO	CAIXA	NOTAÇÃO	CONSTRUTOR
Rua João Boemer	4,6 e 8	Sabino & Chief	OP134	OP1911.001.962	
Rua João Boemer	58, esquina da rua Itapiraçaba	Cezar A. Maluf	OP87	OP1912.002.492	
Rua Joaquim Carlos	50	Affonso Asteritto	OP194	1913003094	
Rua Joli	47	Companhia Ítalo Brasileira	OP222	OP1913.003108	Benedicto Bettoy
Rua Joli	47	Cristiano Auvel	OP7	OP1906.000.918	Augusto Fried
Rua Joli	Esquina da rua Carlos Botelho	Pedro Avignon	OP258	OP1907.000.928	
Rua Julio de Castilho	47	Sebastião Ferreira dos Santos	OP182	OP1914.002.748	Joaquim Carlos Augusto Cavalheiro

Fonte: Séries *Polícia e Higiene* (PH) e *Obras Particulares* (OP) do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

APÊNDICE B

Tabela B: Comércio dedicados ao consumo de artigos de estética pessoal com seus endereços e proprietários

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Armarinhos e Fazendas	Rua Barão de Ladário	55 e 57	Artigos Japoneses Fujisaki & Co. O Japão em São Paulo	1915
Barbearia e cabeleireiro	Rua Benjamin de Oliveira	66	Thomaz Campanilo	1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua Brigadeiro Machado	20	Glycerio Gonçalves	1913, 1914
Alfaiate	Rua Carneiro Leão	51	Domingos Nina	1914
Barbearia e cabeleireiro	Rua Carneiro Leão	3	Antonio Fernandes Rodrigues	1901
Importação, exportação e representação / Ourives	Rua Carneiro Leão	13B	Marciano Amelio	1908, 1909
Ourives	Rua Carneiro Leão	13C	Mariano Amelio	
Barbearia e cabeleireiro	Rua Carneiro Leão	50	Gabriel Ramos	1901
Barbearia e cabeleireiro	Rua Carneiro Leão	87	Alderise Amadeu	1901
Ourives	Rua Carneiro Leão	133	Salvatore Sefiere	1901
Barbearia e cabeleireiro	Rua Carneiro Leão	146	José Ciccivizzo	1908, 1911
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	s/n	Assad Mustaf	1914
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	3A	José Bernardo Gomes	1909
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	5	José Bernardo Pereira	1909
Chapelaria	Avenida Celso Garcia	7 e 9	Agostinho Antonucci	1914
Alfaiate	Avenida Celso Garcia	17	Francisco Angena	1901
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	21	Auf. Maria	1908
Armarinhos e fazendas / sapateiro	Avenida Celso Garcia	25	Aref Muana / Roque Mariani & Filho	1914
Barbearia e cabeleireiro / Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Avenida Celso Garcia	36	Angelo Loppe / Emilio Bracco	1901, 1914
Chapelaria e camisaria / Sapataria / Fábrica de calçados / Perfumaria	Avenida Celso Garcia	48	Antonio Lamana & C / Luiz Gargulli / n/c / Antonio Lamannat & C	1909, 1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	50	M. Andrade	1914

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Chapelaria	Avenida Celso Garcia	60	Antonio Sopransi & Celeste	1914
Alfaiate	Avenida Celso Garcia	65	José M. de Barros	1914
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	71	Domingos Resplendente	1909
Armarinhos e fazendas /Chapelaria	Avenida Celso Garcia	75	Joleles Calag/ Salim Salomão	1908, 1914
Barbearia e cabeleireiros	Avenida Celso Garcia	80	Eugenio Frabrizio	1901
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	97A	Name Nassur	1914
Barbearia e cabeleireiros	Avenida Celso Garcia	101A	n/c	1909
Alfaiate	Avenida Celso Garcia	102	Antonio Chaves de A. e Silva	1914
Barbearia e cabeleireiros	Avenida Celso Garcia	105	Raphael Maroni	1909
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	117	Sedec Hayar	1908
Barbearia e cabeleireiros	Avenida Celso Garcia	124	José Sparlino	1909
Barbearia e cabeleireiros	Avenida Celso Garcia	126	Domingos Gomes	1909
Armarinhos e fazendas / Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Avenida Celso Garcia	141	Issa Geraub / Raphael Motta	1914
Alfaiate	Avenida Celso Garcia	151	João Russo	1914
Joalheria, relojoaria e ouriversaria/ Armarinhos e fazendas/Gramofones	Avenida Celso Garcia	153	Nicola Duiacei e Luiz Olivia/Mario Jorge/Luiz Oliva	1901, 1908, 1914
Armarinhos e fazendas/Chapelaria	Avenida Celso Garcia	155	Zaki & Benjamin Curi	1914
Barbearia e cabeleireiros/Sapateiro	Avenida Celso Garcia	163	Thomaz Amorati	1909, 1914
Armarinhos e fazendas / Quitanda	Avenida Celso Garcia	165	José / Affonso Amirada	1914
Armarinhos e fazendas / Chape- laria	Avenida Celso Garcia	203	Badih Tuina (Tuma) Estefan	1914
Sapateiro/Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Avenida Celso Garcia	228	Pellegrino Giuseppe/João Cariolano	1914
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	230	Antonio da Costa	1901
Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Avenida Celso Garcia	233	Pascoal Calderano	1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	235	Manif & Dayan Hauma	1908
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	235A	Isaac Abdo	1914

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	236	Antonio Esteves da Costa	1909
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	269	João Ribeiro	1909
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	271	Janile Mansur	1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	279A	Joseph Said	1908
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	285	Antonio Abdú	1908
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Celso Garcia	286	João Fonseca	1909
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	291A	José Miguel Marchi	1908
Alfaiate	Avenida Celso Garcia	302	Francisco Cavelucci	1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	303	Assad Antonio Jacob	1908
Alfaiate	Avenida Celso Garcia	308	Alexandre Tomeu	1914
Chapelaria	Avenida Celso Garcia	317A	Luiz de Lourenzi	1914
Chapelaria / Sapateiro	Avenida Celso Garcia	327	Mauricio Cerrato	1914
Armarinhos e fazendas / chapelaria	Avenida Celso Garcia	331	Antonio Assad Abdo	1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	333	Taufic Tuma Estefan	1914
Barbearia e cabeleireiros / Perfumaria	Avenida Celso Garcia	340	João Manoel de Souza / João Manuel de Souza	1909
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	347	José Antonio Queiroz	1908
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	393	José Antonio de Queiroz	1914
Sapateiro / Alfaiate	Avenida Celso Garcia	398	Anastacio Maricola / Eleuterio San Juan	1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	422	Antonio Elias	1908
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	428	Antonio Abrahão	1914
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	440	Antonio Isaac Manoel	1908
Armarinhos e fazendas	Avenida Celso Garcia	505	Feliciano Antonio	1914
Loja de calçados	Rua Concórdia	15A	Antonio Manoel da Silva	1909
Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados	Rua Concórdia	16	Alpargatas	1909
Armarinhos e fazendas / Alfaiate	Rua Concórdia	51	Jacomo Folco & Filhos	1910/1908
Armarinhos e fazendas	Rua Concórdia	103	Sahd Pinto & Cia	1910

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Fábrica e loja de calçados de lona	Rua Concórdia	194	João Gonzalez Martin	1901
Barbearia e cabeleireiro	largo da Concórdia	2A	Pedro Zambone	1909
Alfaiate com tinturaria	largo da Concórdia	3	Angelo Cancioni	1913/1914
Alfaiate	largo da Concórdia	4	José Matheus de Barros	1909
Barbearia e cabeleireiro	largo da Concórdia	6	Emidio Bordignon	1913
Barbearia e cabeleireiro	Rua da Cruz Branca	1	Vicente de Oliveira Mene	1909
Alfaiate	Rua Correia de Andrade	2	Achiles Laippi	1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	s/n	Raymundo Nonato Moreira de Mattos	1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	s/n	Avelino da Costa Lima	1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	s/n	Vicente Mantanaro	1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	13	Francisco Chiasco	1908
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	13	Francisco Chiasco	1908
Fábrica de calçados	Rua do Gasômetro	13 e 15	R. Hespanhol & Irmão	1910
Loja de calçados	Rua do Gasômetro	24	Antonio Diciatteo	1901
Fábrica de calçados	Rua do Gasômetro	33	Eduardo Rodrigues	1910, 191
Alfaiate	Rua do Gasômetro	38	Oscar Cesar	1908, 1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	49A	Francisco Garcia	1908, 191
Tinturaria	Rua do Gasômetro	53	Avino Angelo	1908
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	58	José Scardini /	1908, 1909
Alfaiate	Rua do Gasômetro	63	n/c	1910
Acessórios para calçados	Rua do Gasômetro	65	/ José Reccate	1910
Loja de sapatos	Rua do Gasômetro	66	José Guerra	1908
Joalheria / Alfaiate Fábrica de calçados	Rua do Gasômetro	73	Giovani D'Alesio J. / Aristides Lavure	1901, 1908, 1910
Joalheria, relojoaria e ourives / Bar e bebidas	Rua do Gasômetro	75A	Francisco (Frederico?) Matheus/Miguel Eurico	1901, 1909
Joalheria, relojoaria e ourives	Rua do Gasômetro	75C	Berton Rinaldi	1901
Barbearia e cabeleireiro	Rua do Gasômetro	80	Emilio Vitelli	1910

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Chapeus para senhoras	Rua do Gasômetro	81	Iolo Petronieri	1910
Barbearia e cabeleireiro / Loja de sapatos	Rua do Gasômetro	87	Dante Cicqueriva e Figli / Denotti Spina	1911
Armarinhos e fazendas	Rua do Gasômetro	98	José Sabba	1909
Fábrica de formas para calçados	Rua do Gasômetro	101	Alfredo Chauvet	1908, 191
Fábrica de calçados	Rua do Gasômetro	115	João Navajas	1911
Fábrica de calçados	Rua do Gasômetro	158	R. Hespanhol & Irmão	1911, 1913
Alfaiate	Rua Maria Marcolina	89A	Cirpiano Parada	1913, 1914
Barbearia e cabeleireiro	Rua Maria Marcolina	56	Antonio Francisco	1909, 1913
Armarinhos e fazendas, camisaria / Roupas feitas	Rua Maria Marcolina	57	Riskallah Yunes – atacado	1913, 1915
Roupas feitas	Rua Maria Marcolina	60	Said Guebara e Irmãos	1915
Barbearia e cabeleireiro	Rua Maria Marcolina	82	Miguel Pastore	1908, 1909
Barbearia e cabeleireiros	Rua Maria Marcolina	109	Joaquim Mendes	1913, 191
Fábrica de calçados e chapalaria	Rua Maria Marcolina	118	Luiz Argento	1913, 191
Barbearia e cabeleireiro	Rua Maria Marcolina	137	Claudio Caude	1908, 191
Oficina de calçados	Rua Maria Marcolina	161	Sepentino Serraceno	1913
Barbearia e cabeleireiro	Rua Maria Marcolina	173	Claudio Caude	1908
Armarinhos e fazendas	Rua Maria Marcolina	189	José Miguel Addur & Irmão	1913
Barbearia e cabeleireiro	Rua Miler	s/n	D. Maria Thereza Catajara	1909
Alfaiate	Rua Monsenhor Anacleto	24	A. de Barros	1910
Perfumaria	Rua Monsenhor Andrade	16	Verinero Fiori	1908, 191
Armarinhos e fazendas	Rua Monsenhor Andrade	32	Thomaz Iervolino	1911
Armarinhos e fazendas	Rua Monsenhor Andrade	34	Demetrio Jorge	1909
Alfaiate	Rua Monsenhor Andrade	35A	José Merente	1914
Alfaiate	Rua Monsenhor Andrade	37	Salvador Achani	1909
Barbearia e cabeleireiro / Charutaria / Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Rua Monsenhor Andrade	45	Chievegai Serafino	1909

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Armarinhos e fazendas / chapelaria	Rua Monsenhor Andrade	50	Afeo Chefi / Zaky e Benjamin Cury	1909, 1914
Barbearia e cabeleireiro	Rua Monsenhor Andrade	55	Achilles Albarello	1909
Armarinhos e fazendas	Rua Monsenhor Andrade	94B	Genesso Concilio – importação de fazendas	1909
Barbearia e cabeleireiro / Alfaiate	Rua Monsenhor Andrade	74	Felicio Villona / Nure Abud	1901, 1910
Tinturaria	Rua Monsenhor Andrade	80	Stefano Caputo	1911
Barbearia e cabeleireiro	Rua Monsenhor Andrade	105	Achilles Albarello	1910
Alfaiate	Rua Monsenhor Andrade	144A	Eugenio Pizzoti	1914
Armarinhos e fazendas	Rua Oriente	69	Antonio Jorge	1909
Barbearia e cabeleireiro / Charutaria	Rua Oriente	76	Antonio Jorge	1909
Armarinhos e fazendas / Barbearia e cabeleireiro	Rua Oriente	158	Miguel Elias / Alipio Pires Cavalheiro	1909
Barbearia e cabeleireiro / Charutaria / Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Rua Piratininga	2	Angelo Laparia / Francisco Uglioni / Saverio de Limon	1906, 1909, 1910
Joalheria, relojoaria e ourives	Rua Piratininga	14C	João Martins	1908, 191
Armarinhos e fazendas	Rua Piratininga	35	Saram Assad	1910
Armarinhos e fazendas	Rua Piratininga	43	Alfredo Issa e Ohenote	1910
Barbearia e cabeleireiro	Rua Piratininga	43E	João Mariorano	1909
Barbeiro e cabelereiro	Rua Piratininga	51	Januario Saleppi Irmão	1901
Armarinhos e fazendas	Rua Piratininga	55	Marchetti Antonil	1910
Barbearia e cabeleireiro	Rua Piratininga	58A	Domingos Matroni	1901
Armarinhos e fazendas	Rua Piratininga	77B	José Zaitan	1910
Alfaiate	Rua Piratininga	104	/ Vicente Centre	1906
Joalheria, relojoaria e ourives	Rua Piratininga	106	Colombo Emanuele	1901
Barbearia e cabeleireiro	Rua Piratininga	106A	Cazemiro Nazareth	1909
Loja de calçados / Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Rua Piratininga	106C	Angelo Sinigliglia / Colombo Manuel	1908, 1910
Joalheria, relojoaria e ourives	Avenida Rangel Pestana	s/n	Jorge Palmieri	1901

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Barbearia e cabeleireiro / Loja de calçados	Avenida Rangel Pestana	9	José Santini / Luiz Pinto Vigo	1905(?)
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	15	Marone Raphael	1901
Chapéus para homens	Avenida Rangel Pestana	23	Betamini Marchiani	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	25	Berlindo, Moniz & C	1906
Bar e bebidas / Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	31	José Pizzi / Gabriel Caputo	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	34	Affonso S. Alves	1906
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	35	Miguel Mortara	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	41	Geovane Pergamo / Giovanni Pergamo	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	43	Seraphim Adamo	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	50	Raphael Ramos	1906
Loja de calçados	Avenida Rangel Pestana	53	R. Hespanha & Irmão / R. Hespanha & Filho	1906
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	68	José Petrillo	1908 (?)
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	70	Manoel Rodrigues Orphão	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	70A	Thomaz Filosso	1901
Loja de calçados	Avenida Rangel Pestana	73	M. de Rezende	1908
Chapelaria	Avenida Rangel Pestana	80	Alberto Merlino	1901
Loja de calçados	Avenida Rangel Pestana	81	Olivieri Orazio	1906
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	85	Francisco Amirato	1901
Alfaiate / Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	89	Elias Demetrio / Elias Demetrio	1909, 1914
Barbearia e cabeleireiro / Fumos	Avenida Rangel Pestana	94	Paschoal Buglioni / José Natano	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	94A	Paschoal Buglioni / José Natano	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	95	Luiz Lafemena	1906
Chapéus para senhoras	Avenida Rangel Pestana	99A	Alexandre Casagrande	1906
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	102	Sucio Fiori	1901
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	104	Jacob Galante	1901

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Joalheria, relojoaria e ourives	Avenida Rangel Pestana	104A	Oreste Giovanini	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	106	Geraldo Boscio	1906
Amarinhos e fazendas	Avenida Rangel Pestana	108	Salvador Mellili / Giacomo Albano & Fratello produtos Italianos	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	108 e 114	Antonio Caruso	1901
Barbearia e cabeleireiro / Fumos	Avenida Rangel Pestana	114	Henrique Avensi	1906
Amarinhos e fazendas / Sapateiro	Avenida Rangel Pestana	119	Salvatore Ferreri / Alfredo Pessoa	1901, 1905
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	120B	Monteiro & C	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	124	Francisco Amnirado / Januarario Vitello	1901, 1906
Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	129	Jorg & Rafic Dimitre	1909
Amarinhos e fazendas	Avenida Rangel Pestana	135	Maria Luiza C. Araújo	s/d
Chapelaria / Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	137	Salvador Pelusso / João Irad e Filhos	1906, 1914
Perfeumaria	Avenida Rangel Pestana	140	JPedro & Monteiro	1909
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	141	Pedace Bruno & Cia	1906
Barbearia e cabeleireiro / Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	144	Vicente Costabile / Manune & Irmão / Adão Ferreri	1906, 1908
Chapelaria / Loja de Calçados	Avenida Rangel Pestana	147	Agnelo Taciullo / E. Canzatto & Filho	1901
Chapéus de Sol	Avenida Rangel Pestana	147 e 149	Julieta Augusta Ferreira	1901
Joalheria, relojoaria e ourives	Avenida Rangel Pestana	149	Irena Galdo	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	151	Raffaelli Marroni /	1901
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	153	Viúva Domingos & C	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	156A	Isidoro Capel	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	156B	Salvador Pugliesi	1906
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	159	Ernesto Ricciardi	1906
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	161	José Cleto	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	166	Diogo Vito	1906

COMÉRCIO	ENDEREÇO	Nº.	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Chapelaria / Loja de Calçados	Avenida Rangel Pestana	167	Antonio Cardoso Alves / João Rosso	1901
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	170	Manoel Rodrigues Orphão	1906
Loja de calçados / Joalheria, relojoaria e ouriversaria	Avenida Rangel Pestana	171	Luiz Cardamone / José de Lourenzo	1901
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	173	Moyses Mirheg Cinati	1914
Loja de calçados	Avenida Rangel Pestana	174	Salvador Avino	1906
Fábrica de calçados / Concerto de relógios	Avenida Rangel Pestana	185	Abramo Gemianini / Casa Crimiti	1901, 1914
Loja de calçados / Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	192	José Pelegrino / Affonso Pelegrino	1901, 1906
Loja de calçados / Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	196	Francisco Ribeiro Neves / Benedito de Miranda/	1901, 1906
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	198	/ Vicente da Silva	1901
Chapelaria	Avenida Rangel Pestana	199	Carminne Pastore	1908 (?)
Loja de calçados	Avenida Rangel Pestana	202	Venture Luz	1901
Alfaiate / Joalheria, relojoaria e ourives	Avenida Rangel Pestana	206	Gilberto de Almeida Fernandes	1901
Alfaiate / Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	206A	Leonetto Adami	1909, 1914
Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	207	Nassib e Elias Trabulsi	1909
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	208	Luiz Bragetti	1906
Concerto de relógios	Avenida Rangel Pestana	211	Formisami Germia	1901
Armarinhos e fazendas	Avenida Rangel Pestana	215	Lindolpho Augusto Guimarães	1901
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	215A	Genaro Osmano	1901
Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	219	Diogo de Aguiar	1908
Alfaiate / Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	225	Moyses Murheg Cinante (Moyses & Mirheg Arranti) / Antonio Calloco e Saverio Calloco	1904, 1908, 1914
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	225A	Ricelli Giuseppe	1901
Alfaiate / Ouriversaria / Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	231	Marcos Gasparian / Antonio dos Santos / Marcos Gasparian	1901, 1909, 1914
Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	232	Affonso Peliguni	1909

COMÉRCIO	ENDEREÇO	N.º	PROPRIETÁRIO	ANO DO ALMANAQUE
Companhia de Calçados Clark Limited	Avenida Rangel Pestana	233	Calçados Clark	1914
Barbearia e cabeleireiro	Avenida Rangel Pestana	237	Maria Catapon / Miguel Prato	1901, 1906
Barbearia e cabeleireiro / Loja de calçados /	Avenida Rangel Pestana	247	Martano Alfano, Spinneli & Irmão / Salvador Feliz	1906, 1908
Alfaiate	Avenida Rangel Pestana	248	Francisco & Carmo Trabulsi	1914
Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	262	Felipe Tuma Stefan	1909
Companhia de Calçados Rocha / Concerto de relógios	Avenida Rangel Pestana	269	Antonio dos Santos	1914
Perfumaria	Avenida Rangel Pestana	275	Andrea Alfano	1909
Barbeiro e cabeleireiro	Rua Rodrigues dos Santos	26	Basílio Aurichi	1908
Barbearia e cabeleireio	Rua Santa Rosa	s/n	Antonio Giovedi	1909
Barbearia e cabeleireiro	Rua Santa Rosa	1A	Miguel Romano	1901, 1909
Alfaiate	Rua Santa Rosa	18	Pedro Pasmareco	1914
Barbeiro e cabelereiro	Rua Santa Rosa	31	Contato Giuseppe	1901
Barbeiro e cabelereiro	Rua Santa Rosa	63	Maximine Ferrarésé	1901
Alfaiate	Rua Santa Rosa	110	José Manzione	1914
Chapelaria	Rua Santa Rosa	11	Ognibene Raffaello	1909
Chapelaria	Rua Santa Rosa	29	Augustino Chasco	1901
Barbearia e cabeleireiro	Rua São Caetano	156	Antonio Sprovieri	1901
Armarinhos e fazendas	Rua Visconde de Parnaíba	136	Giacomo Falcão	1909
Perfumaria	Rua Visconde de Parnaíba	200D	Arthur Lopes	1909
Chapeus de feltro e de palha para homens	Rua Vinte e Um de Abril	28 e 30	J. Bossio & Filho	1910

Fonte: *Almanak Laemmert*.